

ANIMATÓ GRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 3 • 1$50



O inolvidável intérprete de «Espiões», da «Mulhér na Lua», da «Valsa do Amôr» e de tantos outros belos filmes de Alem-Reno, deixou há algum tempo de aparecer nas nossas telas, o que decerto tem sèriamente desgostado todas as suas admiradoras portuguesas. «Animatógrafo», para matar as saüdades das suas «fans», resolveu publicar nesta página o retrato do simpático Willy.

WILLY FRITSCH

BOAS FESTAS!

Este artigo chama-se o artigo pascoal e serve para pedir desculpa aos leitores por não terem ainda recebido as amêndoas da Páscoa que o *Animatógrafo* tinha obrigação de lhes mandar.

Eu disse: *não terem ainda recebido*, para principiar a desiludir-vos dum modo suave, sem brutalidades, sem sobresaltos cardíacos. A verdade é que nós estamos resolvidos a não mandar as amêndoas aos leitores embora êles as mereçam incontestavelmente. Mandamos-lhes apenas mais êste número de *Animatógrafo* e, mesmo isso, a trôco dos quinze tostõesinhos da tabela. Sim, somos rialmente pouco generosos e temos razão para isso. A crise não está para graças nem para borlas. Estamos convencidos de que, êste ano que faz parte do periodo fatal das vacas magras, até os vossos pais e padrinhos se fecharam provavelmente em copas. Nós também nos fechamos até certo ponto em copas. Não damos amêndoas nem números grátis da nossa revista mas, de resto, damos tudo: informações cada vez mais seguras, críticas cada vez mais esclarecidas e observadoras, fotografias de filmes cada vez melhores e de vedetas cada vez mais núas e, finalmente, o nosso talento, o nosso imenso talento que não tem limites nem precauções.

Mas vocês naturalmente não compreendem nem reconhecem o valor cinéfilo do nosso humilde presente de Páscoa.

Os leitores como os espectadores são, em geral, umas criaturas quási todas anónimas, construídas sôbre alicerces de ingratidão.

Se vocês soubessem, o que nos custa, muitas vezes, a encher uma página ou duas com frases empoladíssimas que giram com mais ou menos agilidade em volta duma verdadesinha pura e simples como uma flôr pequenina!... Vocês não fazem também ideia do que sofremos quando, por exemplo, somos obrigados a fazer a crítica dum filme horrível, exibido por um empresário amigo a quem não queremos, de maneira nenhuma, ser prejudiciais. E ainda em cima, sabem, somos mal pagos, justificadamente mal pagos, porque uma revista portuguesa desta especialidade não pode ter uma expansão que lhe permita fornecer aos seus colaboradores ordenados menos neurasténicos. Oh! se eu fôsse bem pago, por um preço fixado por mim, como eu havia de ser brilhante! Que borracheiras raras eu havia de escrevêr! Falaria das estrêlas com umas palavras muito especiais, muito caras, muito bem inventadas...

Mas assim, resignemo-nos, vocês e eu. Vocês porque lêem borracheiras e eu porque não sou pago em ouro.

Vou-lhes dar um conselho de cinéfilo, um conselho que vos vai servir nesta época duvidosa da Páscoa. Não vejam filmes religiosos! São sempre uma coisa impossível de mau gôsto. Por mais voltas que lhes dêem, já não há meio de resultar coisa alguma que preste ou simplesmente que se grame. Eu, pela minha parte, já não posso e, como tenho o hábito humaníssimo de julgar os outros por mim, suponho que vocês participam da minha opinião.

Sonora ou muda, a vida de Cristo já não consegue emocionar-me, nem fazer-me sofrer, nem sequer distraír-me.

Em todo caso, nada nos impede de esperar qualquer progresso importante nêsse género de cinema.

Para êste ano não sei de uada de sensacional. Talvez nos sirvam outra vez o «Rei dos Reis», apresentado com uns sons vagos ou a versão frouxamente sonora do «Ben-Hur».

O assunto em si, como cinema, está esgotado, chupado até à última. Foi reduzido à sua antiga forma de legenda, reabsorvido pela Bíblia, em versículos. Este ano faço gréve de espectáculos religiosos e fico esperando, sem confiança de resto, que a Páscoa de 1934 nos traga de surpresa qualquer maravilha desconhecida.

OLAVO



Mary Carlisle tão bonita rapariga que mereceu, além da capa, a publicação de mais retratos. Este vem aqui de propósito para que os leitores se despeçam da Pásco com saudade



VERSÕES



Em cima, Conrad Veidt e Charles Boyer, criadores da personagem de Ellissen em «I. F. 1 não responde», respectivamente nas versões inglesa e francesa.—Em baixo, Mady Christians e Daniéle Brégy, que interpretaram a Imperatriz Eugénia nas versões alemã e francesa de «A Imperatriz e Eu»



O sonoro trouxe consigo uma mudança radical nos métodos de exploração dos produtores. Desde que os filmes passaram a ser falados, levantou-se o problema das línguas. Um filme falado em inglês, por exemplo, certamente não vai ser aceite em Espanha, em Portugal ou em Itália—pensaram os produtores. Como resolver o problema? Fazendo várias versões do mesmo filme.

E deitaram mãos à obra.

Contrataram artistas dos vários países e puzeram-nos a repetir na sua língua o que os «grandes» de Hollywood tinham dito para o filme-base. Mas afinal o sistema não deu o que se esperava. Primeiro pelo custo elevadíssimo a que tudo aquilo ficava e aínda porque as várias versões resultavam medíocres, quando não péssimas, traduções reles, sob todos os pontos de vista, do filme original. Devem aínda lembrar-se dessas versões espanholas, francesas e mesmo portuguesas que para aí foram exibidas e que tiveram um lindo entêrro, tão más eram.

Em vista disto os produtores mudaram de rumo. E agarraram-se ao *dubbing*, no que não foram mais felizes, em minha opinião, ou pelo menos, no que não foram aínda absolutamente felizes, e senão veremos.

Os alemãis fizeram também o mesmo que os americanos.

Mas seguiram melhor critério que os *yankees* e por isso conseguiram impôr as suas versões, sem discussão possível.

Os americanos utilitários e materialões foram direitos ao fim que se propunham atingir—não perder os vários mercados estrangeiros—e não olharam aos meios.

Os alemãis pensaram, e bem, que para atingir os fins era necessário, imprescindível, atender e cuidar muito dos meios. E então seguiram êste critério: condicionar o fim comercial aos meios artísticos, cuidando o mais possível dêstes últimos. E o seu sistema deu um resultadão. Todos se lembram do *Caminho do Paraíso* ou do *Congresso que dansa*, e da sua perfeição dificilmente excedível. E o que eram êsses filmes? Versões.

Mas versões que, pelo cuidado com que foram feitas e pela meticulosidade com que foram tratadas, merecem tanta consideração como qualquer grande filme «original», porque são, afinal, de idêntica qualidade.

Foi aí que os alemãis deram em cheio: tiveram a habilidade de fazer com que as suas versões fôssem do mesmo valor, quando não de maior valor, que os próprios filmes originais.

Deve-lhes saír cara a brincadeira, mas êles que continuam é porque não se dão mal com ela.

E de que continuam o atestam as fotografias que se vêem nesta página.

Charles Boyer e Conrad Veidt, os dois intérpretes de Elissen, o «aventureiro do ar» da *I. F. 1 não responde*, nas versões francesa e inglesa, respectivamente.

Na versão alemã essa figura foi criada por Hans Albers, que esteve em Lisbôa o ano passado, com a *troupe* dos *Estupefacientes*.

Na outra vemos Daniéle Brégye, Mady Christians, as duas imperatrizes Eugénias—a francesa e a alemã—da *Imperatriz e eu*.

Há artistas que fazem mais de uma versão, como a poliglota Lilian Harvey, que faz a alemã, a francesa e a inglesa. Mas quando isso não é possível, os produtores alemães não estão com meias medidas e vão buscar os melhores actores para as suas versões. E é por essas e por outras que as suas versões são impecáveis, deixam mesmo de ser «versões» para serem todas grandes filmes e até filmes distintos.

Não estranhem esta afirmação. Pensem só em quanto será diferente o *Congresso que dansa* alemão do francês, em virtude da diferença dos actores, para não falar do resto. O partido que Armand Bernard

(Continúa na página 16)

PLANO GERAL

Animismo

Resolvi não acreditar que haja ainda alguém que duvide sinceramente da existência actual duma arte cinematográfica, *capaz de produzir obras tão sérias e duradoiras como as demais. Se há quem o afirme, é certamente por pedantismo, por espírito de contradição ou por ânsia de originalidade. Não pode ter coragem para estar convencido disso mesmo; não pode encontrar de bôa-fé, na sua inteligência, argumentos razoáveis que possam demolir todos os princípios que os cineastas de todo o mundo procuraram, laboriosamente, estabelecer.*

Mas acredito sem dificuldade, pois que o constato a cada passo, que existem seres normais, sem deficiências físicas aparentes, completamente insensíveis às manifestações dessa arte de que êles desconfiam, *mais por preguiça que por incapacidade. Não se atrevem a negar-lhe ostensivamente a existência nem os méritos. Exibem um conformismo tolerante, sintoma iniludível de negligência mental.* Acham graça. *Vão ao cinema com regularidade. Não afinam quando um amigo lhes chama cinéfilos. Mas são de tal maneira avessos à assimilação das coisas próprias do cinema, recusando-se a conhecer-lhes qualquer espécie de significado ou de beleza, que chego a duvidar da sua sinceridade.*

Partindo do princípio que essa gente é sincera, gostava de poder mostrar-lhes, a um de cada vez, um filme milagroso que se estreou na Quinta-feira Santa, no Central.

E' um modesto documentário de seiscentos metros intitulado Pedras Sagradas *e em que são reveladas duas maravilhas: as estátuas e os baixos-relevos da catedral de Naumburgo — e o génio interior do animatógrafo.*

Nunca nos pareceu tão bem o título que escolhemos para esta publicação. Lembremos o axioma de Jean Epstein: «Uma das maiores potências do cinema é o seu animismo. No ecran, não há natureza morta»... «Por outro lado, o cinema é uma língua e, como todas as línguas, é animista, isto é: empresta uma aparência de vida a todos os objectos que designa».

O cinema realizou a lenda de Prometeu: animou as estátuas.

Convém esclarecer, para elucidação dos inocentes, que não precisou para isso de recorrer a quaisquer truques, mais ou menos semelhantes aos bonecos articulados de Starevitch — êsses piccolli *do cinema. A vida que comunica às coisas imóveis emana dêle próprio. E' um aspecto do mistério da luz, magia branca capaz de conseguir feitiços espantosos.*

Pedras Sagradas *é um verdadeiro milagre de Paixão. Dificilmente se concebe alguma coisa de mais belo ou mais perfeito. Belo desde a modéstia; perfeito até à imortalidade.*

Os seus autores limitaram-se a entrar na Sé de Naumburgo e a filmar aqui e além blocos de pedra. E as estátuas não foram mais estátuas, na acepção de imobilidade hierática e eterna. Transformaram-se em imagens vivas, *com uma alma — quási com uma carne. Palpitam no ecran, corre-lhes nas veias sangue luminoso.*

Se eu fôsse escultor, de ora em diante, só fazia estátuas para servirem de modêlo a imagens cinematográficas.

Deixemo-nos de poesia e de estilística e apresentemos os factos com brutalidade. Pedras Sagradas *é a prova cabal de que existe realmente uma arte cinematográfica independente da arte dramática, onde não há resquício de literatura, vislumbre de teatro. Uma arte capaz de criar um espectáculo próprio, em que os intérpretes sejam as próprias coisas e não a sua imitação. Uma linguagem universal, mais clara, mais explícita, mais fácil e, ao mesmo tempo, mais elevada, mais perto da natureza e do espírito que o esperanto ou o volapuk.*

Dziga-Vertov, o russo habilidoso e subtil, demonstrou nos seus filmes que era possível criar o fotodrama com elementos esparsos, colhidos aqui e acolá, na seara fértil da vida, sem outro fio *que não fôsse o da montagem visual.* O Homem com o aparelho de filmar *é um autêntico discurso, em que se prega, sem recorrer a um só actor, a vitalidade da Rússia moderna.*

Pedras Sagradas *é a apoteose da fotogenia.*

Os seus autores (é preciso fixar êstes dois nomes: C. Oertel e R. Banberger, cumpriram à risca o preceito de Epstein: «O cinema deve evitar todas as relações, que só podem ser desastrosas, com um assunto histórico, educador, de romance, moral ou imoral, geográfico ou documental. O cinema deve procurar tornar-se pouco a pouco e enfim ùnicamente cinematográfico, isto é: utilizar sòmente elementos fotogénicos. A fotogenia é a expressão mais pura do cinema».

Em todo o filme só há fotogenia — e empolga como a corrida de Ben-Hur *(outro* morceau de roi *do repertório).*

Gostava de saber se, tendo assistido à exibição de Pedras Sagradas — *que um organista excelente,* Fritz Heitmann, *acompanhou com música de Bach — algum dêsses cavalheiros do princípio continua insensível como um bacamarte ao poder anímico do cinema. Se continua — o mundo está perdido.*

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Panorâmica

Os paladinos

Na «Legenda dos Séculos», o velho Hugo cantva com saüdade:

La terre a vu jadis érrer des paladins...

Ainda hoje percorrem a terra paladinos, possessos duma fé inquebrantavel mas que, em boa verdade, já não encontra objecto digno dela. Não andam de elmos na cabeça nem de lança ua mão. O progresso e a higiene condenaram o chapéu e os colarinhos de goma; não podiam admitir no século XX tão incómodos atavios. Contudo, em Portugal, a maioria dêsses Quichotes anacrónicos anda de monóculo de polainas...

Alguns vêm ter comnosco ás redacções a propôr-nos reformas formidáveis. Movidos pelas mais puras e respeitáveis intenções, defendem com denodo os seus pontos de vista.

— E' preciso pôr acima de tudo o Cinema português! Nacionalizemos o Cinema! Não precisamos dos franceses, nem dos americanos, nem dos alemãis! Repilamos (êles dizem mesmo «repilamos») os bárbaros do norte! A nossa pátria deu ao mundo Camões, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque. Porque não há de gerar no seu seio um King Vidor, um Fritz Lang, um René Clair? Está nas nossas mãos. E' uma questão de boa vontade — e de um decreto em que se arranje uma subvençãozinha cá para a rapaziada...

— Desenvolvamos a indústria preferindo produtos portugueses! Em Portugal também se faz cinema! Fizemos a «Fátima Milagrosa», o «José do Telhado», a «Castelã das Berlengas», a «Maria do Mar». Fizemos a «Severa», que até falava como as fitas americanas. Tudo isto se metia nos eixos se os exibidores fossem obrigados a passar, por cada mil metros de película estrangeira, dois mil ou dois mil e quinhentos metros de filme dacional.

— Só o Estado pode e só ao Estado compete estabelecer em Portugal a indústria do cinema. Há ou não ha dinheiro no Banco de Portugal e na Caixa Geral dos Depósitos? Temos ou não temos a Costa do Sol, do nosso rico solzinho que não tem equivalente no estrangeiro? Temos ou não temos as nossas lindas paisagens, os nossos pitorescos costumes, o nosso tão característico folclore? Porque esperamos?

Pôsto isto, sentam-se inglóriamente num café a escrever artigos de fundo — e esquecem-se de pagar as prestações da Tobis.

Ha para aí uns palermas que andam a dizer que «Animatógrafo» é *contra* o cinema português; que está vendido ao estrangeiro, que só se interessa pelo que se faz *lá fora*, em resumo: que não tem mesmo patriotismo nenhum.

E' mentira. Não trocamos o nosso patriotismo pelo de ninguem e afirmamos sem basófia que ninguem mais do que nós se tem preocupado em fazer *qualquer coisa* do cinema português. Mas isso faz-se com serenidade de ânimo e de consciência, metòdicamente, teimosamente, sem transigências piegas com os amigos — e muito menos com o tal sol bonito.

Com mais *profissionais* e menos paladinos.

Cinéfilos

Os cinéfilos portugueses começam a desistir à formiga de entrar para o cinema. Estão fartos de mandar inutilmente as suas *expressões* ás revistas que anunciam a mobilisação geral das vedetas *in herbis*. Começam a desconfiar que, ou os jornalistas de cinema são todos uns aldrabões, ou querem divertir-se á custa dêles.

Verificam que a produção portuguesa está mesmo por uma unha negra e que afinal não os chamaram, não foram ter com êles, nem mesmo para representar um modestissimo vigésimo quarto papel.

Há quem diga que é essa a principal razão que fez diminuir tão sensivelmente o seu entusiasmo pelas coisas do ecran.

O derrubar inevitável das suas pobres ilusões ercheu-os de melancolia e de rancôr.

O cinema sofreu com isso uma perda irreparavel. E nós, que temos por êsses óptimos rapazes um carinho que nunca tratamos de esconder, gostaríamos que os produtores lhes pagassem com uns minutos de paciência e uns metros de negativo, a sua dedicação pelo cinema.

Imprensa

Alguns jornais tiveram a gentileza de saüdarem expontaneamente a nossa aparição em termos lisongeiros, que saiem fóra das banalidades de chapa. Agradecemos, a todos, com os protestos da nossa rialíssima camaradagem.

Permitimo-nos porém destacar a amabilíssima referência do «Notícias Ilustrado», o modernissimo semanário em ocogravura que Leitão de Barros dirige com tanto brilho.

Leitão de Barros é um valor — e um verdadeiro amigo. Que aceite o nosso abraço e que fique sabendo que tem as páginas de *Animatógrafo* às suas ordens.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DAS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS

JOSEPH VON STERNBERG e Marlene Dietrich vão trabalhar para a FOX

Como se sabe, Joseph von Sternberg, abandonou há tempos a Paramount. Por sua vez Marlene Dietrich, antes que tivesse caducado o contrato que a liga àquela emprêsa devia interpretar ainda um filme. No entanto, recusou-se a trabalhar sob as ordens de outro realisador, até que teve de mudar de ideias em face do processo que a Paramount lhe intentou, resolvendo-se a interpretar The Song of Songs *dirigida por Rouben Mamoulian. Agora noticias muito recentes veem até certo ponto esclarecer a situação futura de Sternberg e Marléne, os quais não deixarão já a América pela Europa, pois devem, antes ingressar na Fox.*

HOLLYWOOD

CADA VEZ TEM MENOS APÊNDICES

Os cirurgiões americanos continuam tendo entre as vedetas do cinema uma grande clientéla. E' sobretudo aos apendices das estrêlas que eles teem feito uma autentica *razia*.

Ultimamente foram Thelma Todd, a formósa rival de Clara Bow em *Sangue Vermelho* e Benita Hume, a artista inglêsa agora sob contrato da Metro as pacientes de apendicectomias. A grande Marie Dressler sofreu também, ha pouco em New York uma operação de pequena cirurgia. Claudette Colbert foi operada duma sinusite; Katherine Hepburn, a nova vedeta da Radio que, segundo se diz, vai destronar Greta Garbo e Marléne Dietrich sofreu tambem recentemente uma operação, ambas de pequena importancia, o mesmo sucedendo a Cary Grant o *leading-man* de Silvia Sidney em *Madame Butterfly*.

Buster Grabb, o actual campeão olimpico de natação, o mais serio rival de Johny Weissmuller, embora necessitasse extrair o apendice recusou-se a ser operado, por temer que a cicatriz ficasse visivel, o que prejudicava grandemente a sua interpretação de *King of the Jungle* (Rei da Selva) a replica da Paramount ao *Tarzan* da Metro.

...E MAIS PIMPOLHOS

Em Hollywood, entre os casais de cinema, continua grassando com grande intensidade a epidemia dos nascimentos.

Nestas ultimas semanas a famosa e classica cegonha presenteou com formósos bambinos nada menos que os lares de Richard Dix-Winifred Coe (uma menina), Arlene Judge-Charles Ruggles (um rapaz) e Joby-na Ralston-Richard Arlen (um petiz).

Pois agora há a juntar a esses o *blessed event* de Louise Fazenda — a explendida comediante em cujas veias corre ainda sangue português — que tornou Mr. Hal Wallis pai dum gorducho pimpólho.

Por este andar não custa a crer que Hollywood se torne numa das mais populosas cidades da Califórnia...

Barbara Kent

casou com H. Eddington

Barbara Kent, aquela encantadora rapariga que foi a inolvidavel interprete de *Solidão* acaba de se casar em Yuma, no estado de Arizona com Harry Eddington.

Eddington é incontestavelmente uma das mais populares personalidades de Hollywood devido à situação que ocupa entre a gente do cinema. E' ele o astuto *manager* de Greta Garbo, a quem ela deve, na verdade grande parte da sua destacante situação já como seu inteligente conselheiro, quer como acerrimo defensor dos interesses daquela vedeta, que são no fim de contas os proprios...

Barbara Kent e Harry Eddington conheceram-se pela primeira vez durante a realisação de *O Diabo e a Carne* o celebre filme de Clarence Brown com Greta e John Gilbert, onde Barbara interpretava a figura da jovem apaixonada de Gilbert.

O novo papel de Greta Garbo



Greta Garbo, que deve chegar por estes dias a Hollywood depois de uma ausencia de alguns meses na Europa, começará a trabalhar em principio de Maio no filme Queen Christina *(Rainha Christina) que Clarence Brown dirigirá.*

MONSIEUR

NE VEUT PAS D'ENFANT

Lew Ayres, o inesquecivel interprete de *A oeste nada de Novo* casou-se há meses com Lola Lane uma interessante rapariga que no cinema não tem tido grande oportunidade de se revelar.

Ora poucos meses depois de casados, algumas nuvens vieram ensombrar a felicidade conjugal dos jovens esposos, a ponto de terem de se separar. Agora acaba de ser decretado o divorcio que os liberta duma união dóra á vante impossivel, o que aliás não impediu que ficassem amigos.

«Lew é um artista; necessitava de liberdade. Eu adorava o meu lar e a minha maior ambição seria ter um filho. No entanto Lew, alem de gostar da vida fóra de casa, nunca quiz satisfazer o meu outro desejo. Daí o nosso divorcio». Foram estas as claras declarações de Lola Lane a um jornalista pouco depois de decretado o divorcio...

A reaparição de Colleen Moore

Colleen Moore—que tal como sucedeu a Billie Dove, a Alice White perdeu com o fonocinema a popularidade e o prestigio que no tempo do silencioso gosava — depois de um afastamento de alguns anos, foi há tempos contratada pela Metro para aparecer no filme de Wallace Beery intitulado *Flesh*. Depois, á ultima hora Colleen foi substituida por outra artista, Karen Morley. Ha pouco foi noticiado que a reaparição de Colleen Moore se faria no filme *Lost* em que entraria tambem o pequeno Jackie Cooper. De novo foi substituida.

De forma que aborrecida com o procedimento dos dirigentes da sua empresa, Colleen Moore rescindiu o contrato, ingressando na Fox devendo ser interprete de *The Power and the Glory* que Jesse Lasky, agora associado á Fox, produzirá.

HALL CAINE

no cinema

John Barrymore, logo que conclua *Reunion in Vienna*, em que actualmente está actuando, interpretará a personagem principal do célebre romance de Sir Hall Caine *The Christian*. A seu lado, personificando a figura de *Glory Quayle*, aparecerá Jean Harlow.

The Christian foi há uns nove anos já adaptado ao cinema, tendo Richard Dix criado nessa primeira versão a figura de *John Storm* que agora John Barrymore vai interpretar.

Flashes

■ Lupe Velez e Jimmy Durante, o narigudo comediante, aparecem agora no palco do Zeigfeld Follies, na revista *Strike me Pink*.

■ *Emilio e os Detectives* o belo filme de Gehrard Lamprecht acaba de ser apresentado em Inglaterra no Cinema House, com grande exito.

■ Fernand Gravey o excelente interprete de «Eu de dia e tu de noite» encontra-se presentemente em Londres onde, para o produtor Herbert Wilcox irá interpretar o filme *Bitter Sweet* tendo a vedeta inglesa Anna Neagle como *Leading-lady*.

■ Em virtude dos censores americanos não concordarem com o final de *Irmã Branca* de que Helen Hayes e Clark Gable são os interpretes as ultimas scenas tiveram que ser modificadas.

■ A censura inglesa proïbiu a exibição do filme da Paramount *A Ilha das Almas Perdidas* extraido dum romance de Wells.

■ Hal Roach, o conhecido produtor de comédias — os filmes de Laurel e Hardy e os da «Pandilha» são por ele produzidos — deve chegar em breve a Inglaterra onde dirigirá algumas comédias por conta da Metro.

■ Existem hoje na Europa 30.623 cinemas, dos quais a Alemanha possue 5.071 e a Inglaterra 4.950. Nos Estados Unidos existem sómente 19.042 salas de projecção.

■ Ramon Novarro chegou agora a Paris em viagem de férias. Na volta á America Ramon será o interprete dos filmes *Laughing Boy* e *The Cat and the Fidle*, depois do que terminará o seu contrato com a Metro.

■ Tresentas mil raparigas pertencentes às National Girl Scouts dos Estados Unidos escolheram Janet Gaynor como a sua artista preferida.

■ Kurt Gerron, o realizador de *Estupeficientes* está dirigindo um novo filme para a Ufa cujo titulo não está ainda escolhido. Interpretam-no Magda Schneider, Lissy Arna, Paul Otto, Otto Wallburg e Julius Falkenstein.

O NOVO FILME DE LUBITSCH

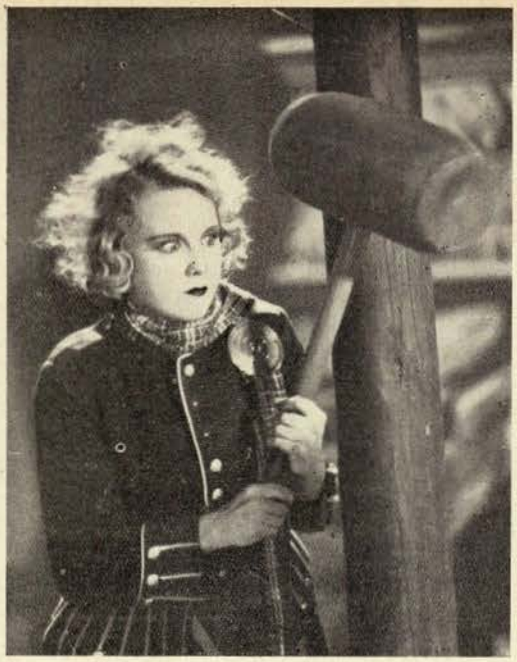
Ernst Lubitsch, cujo ultimo filme, A Thief in Paradise, *com Herbert Marshall e Kay Francis, sai um pouco dos moldes dos seus anteriores trabalhos, vai iniciar a realisação duma nova pelicula, extraida da peça de Noel Coward, o celebre actor-autor inglês, intitulada* Design for Living, *o actual maior triunfo dos teatros de Broadway, e da qual serão interpretes Frederic March, Miriam Hopkins e Herbert Marshall.*

A Paramount pagará a Noel Coward pelo direito de adaptação, a linda soma de 30 mil dolares, cerca de mil e quinhentos contos da nossa moeda!



Mais outra regalia para os assinantes de «Animatógrafo»:

Assistir às apresentações corporativas dos filmes da Agência H. da Costa



Duas cenas características do último filme de Anny Ondra, «A Filha do Regimento», escolhido pela Agência H. da Costa par inaugurar a série das suas apresentações corporativas, no Central

OS nossos assinantes têm a partir de hoje uma nova e importante regalia que nos foi oferecida pela Agência H. da Costa Lt.: a de poderem assistir ás *apresentações corporativas* que essa grande casa distribuidora vai fazer.

A primeira dessas reüniões privadas, verdadeiras *avant premières*, reservadas, á semelhança do que se faz lá por fóra, aos representantes da imprensa, aos membros da corporação cinematográfica e a alguns convidados de marca, terá lugar na próxima quinta-feira, 20 do corrente, no Central, ás 3 horas da tarde, e nela se fará a apresentação do último filme da esfusiante Anny Ondra

A Filha do Regimento

realisada por Carl Lamac segundo a famosa opereta.

A ENTRADA SERÁ PERMITIDA AOS NOSSOS PRESADOS ASSINANTES, NA MEDIDA DOS LUGARES DISPONÍVEIS, MEDIANTE A APRESENTAÇÃO DOS SEUS CARTÕES E SEM QUALQER PAGAMENTO.

E' inútil salientar o enorme interêsse desta iniciativa, verdadeiramente digna da Agência H. da Costa.

Há muito que a imprensa da especialidade vem reclamando a realização dessas apresentações prévias, que se realizam regularmente em todos os países civilizados onde o cinema é encarado como uma das mais significativas manifestacões da actividade pública.

Iniciando êsse regímen a Agência H. da Costa dá, não só um impulso considerável ao espectáculo cinematográfico em Portugal, fazendo-o assentar num novo principio de seriedade artística (uma vez que os filmes passam a ser julgados pela crítica antes de o público passar pela bilheteira), como dá um primeiro passo definitivo para a aproximação e estreitamento das relações entre os membros da corporação cinematográfica portuguêsa.

Temos dito mil vezes que o cinema é um espectáculo que não dispensa a mais perfeita solidariedade entre todos os que por êle se interessam, solidariedade que deve ligar o mais poderoso productor ao mais humilde dos espectadores, por intermedio dos técnicos, dos artistas, dos distribuidores, dos emprezários exibidores e da imprensa da especialidade. A única política que se compreende dentro do cinema é a que tem por programa o melhoramento constante da qualidade e das condições do espectáculo. Os interêsses criados, sendo enormes, respeitaveis e muitas vezes concorrentes, não devem de maneira nenhuma impedir que todos trabalhem em conjunto, com a mais leal camaradagem, na defesa do bem comum, que é o cinema propriamente dito.

Estamos certos de que é essa a opinião de todos os nossos colegas da imprensa. Por isso os convidamos a contribuír, como nós vamos fazê-lo, para que as apresentações corporativas da Agência H. da Costa não vejam diminuído, por falta de apoio, o seu alcance prático.

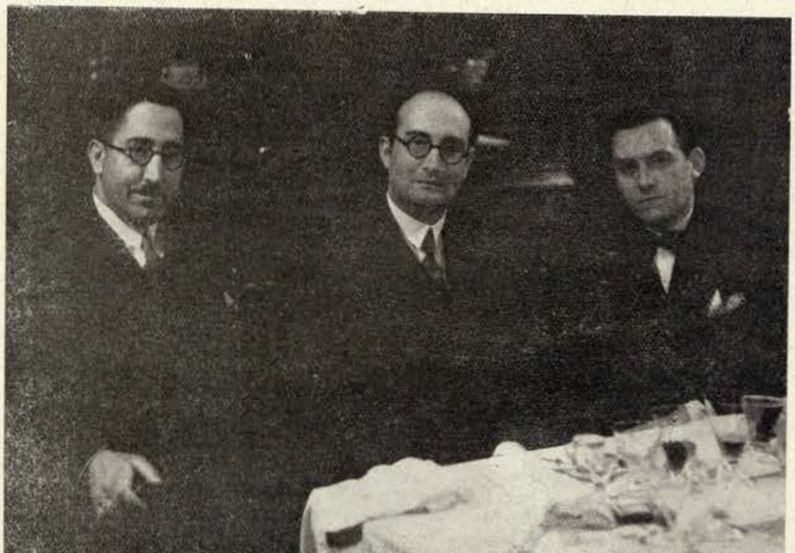
Negar o significado de tal iniciativa seria traír os interêsses do cinema.

O filme escolhido para inaugurar a série de sessões corporativas foi, como já dissemos, «A Filha do Regimento», última cine-opereta de Anny Ondra. Congratulamo-nos com a felicidade da escolha. Anny vai dar uma nota simpática e alegre ao acontecimento, tornando-o ainda mais digno de nota.









A VISITA dos senhores ministros da Instrução, Obras Públicas e Comércio ás instalações da Companhia Portuguêsa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm, na quinta das Conchas, no Lumiar, teve um aspecto absolutamente interessante e simpático. A impressão produzida em todos os presentes pelas demonstrações realizadas na tarde do dia 6 de Abril passado, foi a melhor, a mais agradavel, a mais segura. O adiantamento das obras do estúdio, a presença dos camions portadores de geradoras electricas e de aparelhos de tomadas de sons e de vistas e o entusiasmo sincero e consistente dos organisadores e impulsionadores desta importante iniciativa, que parecia tão inacessivel para Portugal, deu a todos os que tomaram parte na visita e que presenciaram a estreia oficial dos novos aparelhos a confiança e a certeza duma realidade que não tem já na sua composição a menor partícula de sonho.

Agora já os cinéfilos portuguêses podem dizer com segurança que o *seu* estúdio é uma linda verdade que êles já viram com muitas testemunhas e os olhos bem abertos. Portugal tem um estúdio, não há dúvida. Os portugueses podem fazer filmes seus na sua própria casa, com a sua inteligencia, a sua imaginação e podendo, dentro de pouco tempo, de pouquissimo tempo talvez, graças ao nosso extraordinário espirito de adaptação, prescindir inteiramente da colaboração técnica estrangeira.

O programa das próximas produções, elaborado já pela direcção da Tobis Portuguêsa com o fim de se entrar numa imediata actividade, será todo de exteriores, escravisado como está ainda á falta de estúdio que só poderá principiar a funcionar dentro dum minimo de três meses.

Segundo nos comunica Leitão de Barros, director de produção da Tobis Portuguêsa, êsse programa deverá abrir com uma série de filmes culturais, sendo o primeiro dêles imaginado e orientado pelo almirante Gago Coutinho. Como se póde supôr, esse primeiro cultural será baseado nas grandes navegações transatlânticas.

Seguidamente deve realizar-se um documentário sobre as ruas de Lisboa dirigido pelo Dr. Agostinho de Campos, que decerto, melhor do que ninguém, nêste assunto cumprirá excelentemente a sua curiosa e inesperada missão.

O terceiro destes documentários pode-se classificar com mais propriedade de atracção sonora e deve sêr infalivelmente uma surpreza para toda a gente. A já muito ilustre poétisa e dramaturga Virginia Vitorino, vai, pela primeira vez, cantar para o público, em frente do ouvido misterioso e indiscreto dos nossos aparelhos A-2-f.

A curiosidade excitada por esta atracção sonora deve ser enorme e com razão. Virginia Victorino tem admiradores e amigos em toda a parte. A ideia de ouvi-la cantar um dos primeiros ensaios sonoros da Tobis Portuguêsa deve levar aos nossos cinemas alguns milhares de pessôas.

Dois culturais serão dedicados á orquestra infantil da Casa Pia de Lisboa e do Asilo D. Maria Pia, considerada a maior da Europa que, de colaboração com o orfeão infantil do asilo Nuno Alvares e sob a regencia do maestro Rui Coelho, executará alguns numeros de musica.

O ultimo que tambem deve considerar-se uma atracção sonora, da autoria dos irmãos Ruy e Afonso Correia Leite, intitula-se «Três rapazes e uma valsa».

Além destes documentários e atracções será também produzido um filme todo em exteriores, escrito e realizado pelo arquitecto e desenhador Cottinelli Telmo, o mesmo que de colaboração com o engenheiro da Tobis Francêsa, sr. Richard, traçou há mêses o projecto do estúdio.

Mais tarde—que cêdo será—logo que se encontrem terminadas as obras de construção do estúdio será então posssivel iniciar-se o primeiro filme de fôlego onde se torna imprescindivel a utilisação de interiores e para cuja acção foi escolhido o motivo tão popular e tão português do romance de Julio Diniz «As pupilas do sr. Reitor».

O programa parece-nos certo, bem pensado. Ficamos anciosamente esperando o primeiro cultural.

Depois da visita aos estúdios em construção, os convidados reuniram-se no exterior e fize-

O que se passou

na inauguração oficial dos ESTÚDIOS da Sociedade Portuguesa de Filmes Sonoros

ram-se os preparativos para a estreia dos aparelhos. O engenheiro Paulo de Brito Aranha instalou-se no camion sonoro, o operador Cesar de Sá tomou posse da manivela e Leitão orientou a operação. O Sr. Ministro da Instrução, que foi o primeiro a falar, elogiou eloquentemente a arte do cinema e os seus fins educativos e culturais, achando admirável a rapidez com que se desenvolveu a ideia da construção dum estúdio em Portugal, acabando por felicitar, nos termos mais gentis, o conselho de administração da Companhia e os seus dedicados colaboradores.

Num pequeno discurso, o sr. ministro do Comércio salientou principalmente o valor patriótico que tem êste importante melhoramento e o prestigio que ele nos pode trazer. Concluiu tambem cumprimentando a direcção da emprêsa pela força de vontade e presistencia admiráveis de que têm dado provas, com poucas palavras, relativamente, e muitos factos sólidos.

O vice presidente da comissão administrativa do municipio sr. coronel Carvalho Teixeira falou tambem, para fechar o ciclo dos discursos. Entre outras declarações interessantes participou que a comissão administrativa do município tinha decidido na sua última reünião isentar pelo praso de cinco anos a Companhia Portuguesa de Filmes Tobis Klangfilm de qualquer espécie de licenças camarárias evitando assim á mesma Companhia uma preocupação que certamente lhe atenuaria as dificuldades financeiras dos primeiros tempos.

Estas actualidades sonoras, devem provavelmente ser exíbidas em Lisboa e Porto dentro de poucos dias, oferecendo-se assim, desde já, ao público português uma prova real e palpável — embora se trate de imagens—da existencia em Portugal duma Companhia de Filmes Sonoros.

Viam-se no recinto dos estúdios bastantes pessoas convidadas e não convidadas, estas últimas habilmente envolvidas no grupo dos visitantes, protegidos, de resto, pelos olhares complacentes dos organizadores. Reconhecemos entre outras pessoas de posição social, o almirante Gago Coutinho, Ministro da Instrução Publica, Ministro do Comercio, Industria e Agricultura, Ministro das Obras Públicas, major Oscar de Freitas, Inspector geral dos espectáculos, coronel Carvalho Teixeira etc. Algumas entidades representativas como Roque da Fonsêca, da Associação Comercial de Lisboa, Guilherme Cardim, pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, etc.

E todos se mostravam encantados pelo que viram e pela amabilidade da recepção, com o que aliás não fizeram favor nenhum. Na Quinta das Conchas sente-se, realmente, uma sensação invulgar em Portugal, país dos projectos e das instalações provisórias: o contacto com realidades definitivas.

* * *

«Animatógrafo», personificado por um dos seus redactores, também tomou parte na visita oficial aos estúdios do Lumiar. Leitão de Barros, sempre amavel, sempre elucidativo, não nos desamparou um só momento. Obrigou-nos a acompanha-lo para toda a parte, mostrou-nos os camions e a sua maravilhosa engrenagem, fez-nos compreender todos os detalhes da marcha dos trabalhos e afirmou a todas as pessoas a quem nos apresentava que «Animatógrafo» é a melhor revista portuguesa do seu género. Ficamos penhoradissimos e aproveitamos a oportunidade para lhe pedirmos a sua valiosa colaboração que teria probabilidades seguras de interessar os nossos leitores.

O sr. dr. António da Fonseca também conversou por largo tempo com o nosso representante. Falou-nos, como bom economista que é, da excelente impressão que lhe tinha causado a generosa atitude da Camara ao isentar a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros de quaisquer despesas de licenças camarárias.

Nós concordamos. Achamos que rialmente era muito gentil e muito mais económico.

Conversamos ainda com o nosso velho amigo Cottinelli Telmo que nos falou acerça do seu filme de exteriores.

Já tinha título: «Meninas, vamos ouvir...» mas era segrêdo por enquanto. Nós prometemos que guardavamos o maior segrêdo e rialmente cumprimos a promessa.

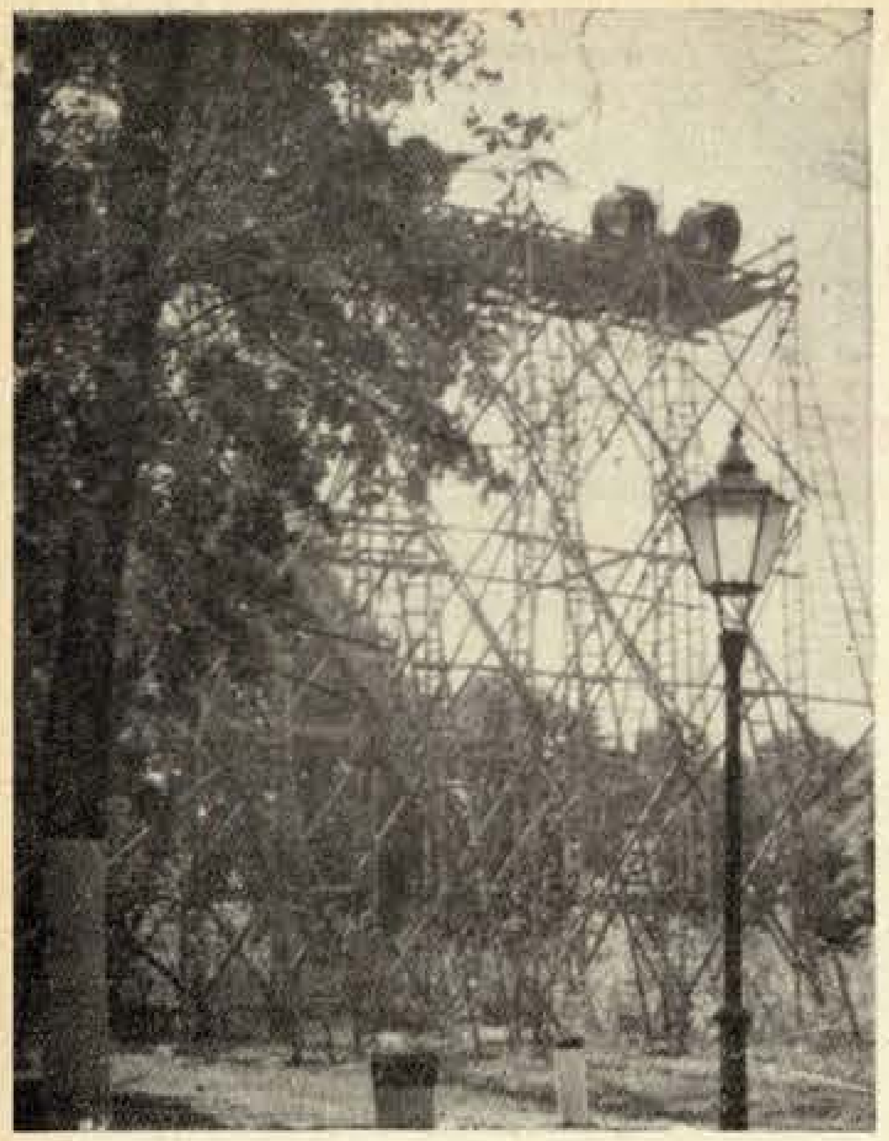
Até agora não dissemos nada a ninguém...

ELLISSEN



Na página 8, de cima para baixo: Leitão de Barros director artistico da S. P. F. S. mostra aos Ministros os magnificos camions de tomada de vistas e sons. — O sr. dr. António da Fonseca, administrados-delegado da sociedade, recebe os ministros da Instrução, do Comércio e das Obras Públicas. Na fotografia vêem-se os srs. Almirante Gago Coutinho, Pedro Bordalo, Roque da Fonsêca, Alfredo Vieira Pinto e Eng. Paulo de Brito Aranha, chefe do registo de sons. — Eng. Alvaro de Melo Gouveia, um dos construtores do estúdio do Lumiar, Cèsar de Sá, chefe dos operadores e Cottinelli Telmo, arquitecto da obra e realizador do primeiro filme, reünidos num almoço intimo. Nesta página, o ministro do Comércio, Indústria e Agricultura faz a sua alocução ao microfone

COMO TRABALHA FRITZ LANG







Fritz Lang nasceu realizador de filmes como podia ter nascido músico ou poeta.

O cinema corre-lhe nas veias com o viço e a regularidade do verdadeiro sangue. A sua inteligência e a sua cultura estão organizadas *cinematogràficamente*, com a precisão e a nitidez dum bom *uécoupoge*. Basta conversar com êle meia hora para que a nossa admiração por êle seja igual á que sentimos pelas suas obras. Não exageramos, — temos a consciência firme de não exagerar — considerando-o o mais completo, o mais integro, o mais poderoso animador de imagens de ambos os continentes. A sua obra responde por êle em tôda a parte, pujante de valor e segurança. E' a única que reúne em propoções iguais as qualidades técnicas e artísticas exigidas ao espectáculo cinematográfico. Basta alinhar os títulos: *A Morte Cansada, O Dr. Mabuse, Os Nibelungos, Metropolis, Espiões, A Mulher na Lua, Matou!* Qualquer dêles é uma maravilha incontestável, prodígio de grandiosidade e de exactidão.

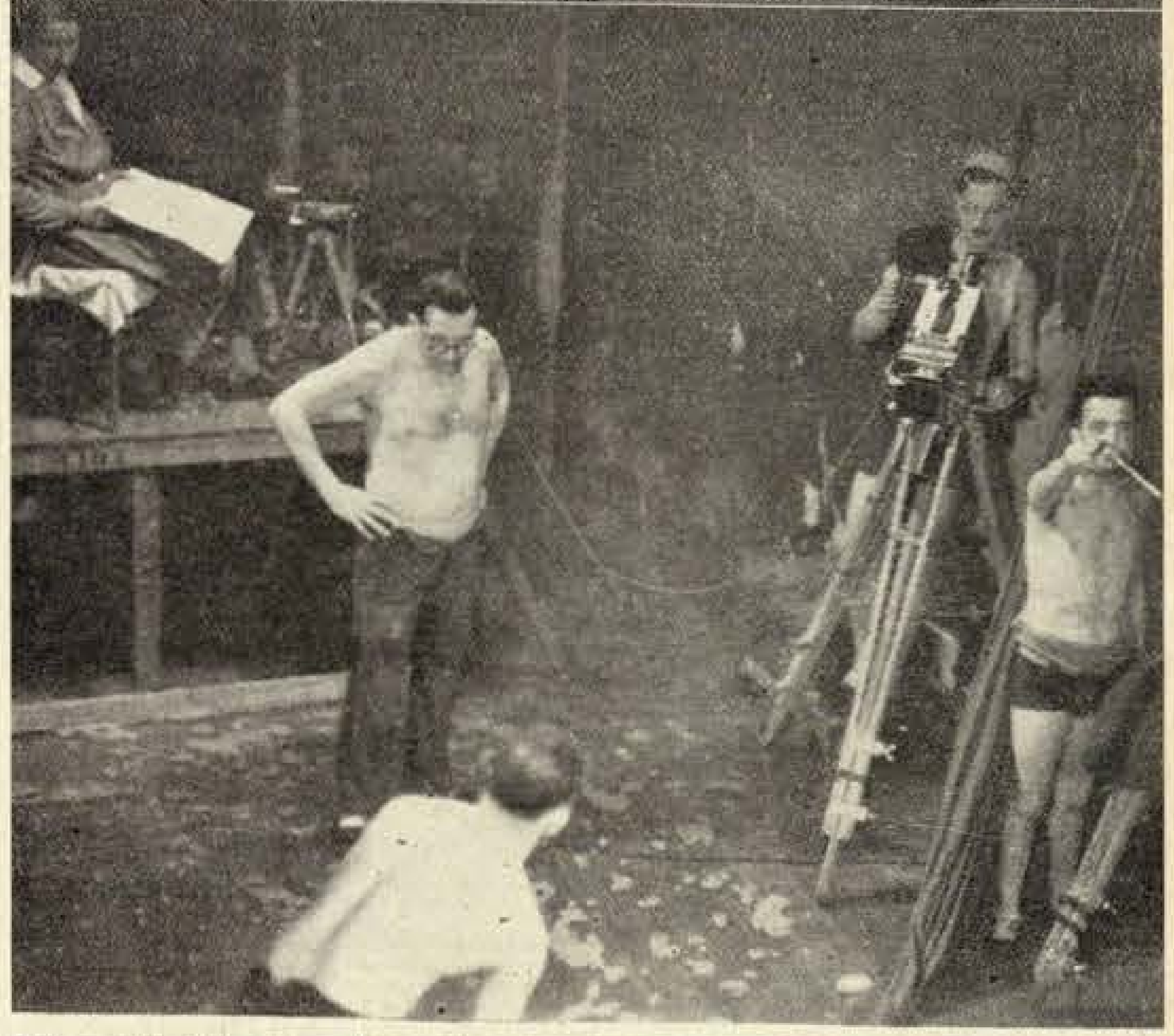


Nenhum realizador tem como êle a consciência da importância da técnica. Pode mesmo dizer-se que reduz cada um dos inumeros problemas que a realização de cada filme propõe ao realizador a um problema técnico. Compartilhamos em absoluto o seu modo de ver — o que em boa verdade nada adianta às convicções de Fritz Lang, mas é assim mesmo. No cinema, como em todas as artes, a técnica prevalece, sobrepõe-se a tôdas as coisas. Cinema não se improvisa. Não se faz cinema *de inspiração*, no sentido romântico do termo. A composição de cada figura, de cada cena, o diálogo e a montagem exigem uma meticulosidade escrupulosa.

Não pode desprezar-se o mais infiimo pormenor. Os pormenores, vistos por *ce três subtil regard au verre*, na linda expressão de Epstein, adquirem no ecran uma importância capital. Fritz Lang sabe isso perfeitamente e disso cuida com um carinho que confina com o monomania. Durante a realização da *Mulher na Lua* vimo-lo interromper várias vezes a filmagem duma cena para alterar por suas próprias mãos o penteado — ou, melhor, o despenteado ... — de Gerda Maurus, ou as pregas dum cobertor. Vê-lo arrumar a famosa «mesa das beatas» que aparecia no sindicato dos mendigos em *Matou!* — constitui um verdadeiro prazer espiritual.

Os intérpretes de Fritz Lang sujeitam-se dócilmente à tirania do mestre. Como os granadeiros de Napoleão, resmungam — mas seguem sempre em frente. E' que êles sabem que Fritz, o bom gigante, vai mostrá-los sob o aspecto mais favorável para o seu renome.

E' conhecida a preocupação constante de Fritz Lang: mostrar nos seus filmes, sempre, caras novas. Tem o maior interêsse pelos debutantes e deposita nêles maior confiança que nos artistas feitos. As suas *descobertas* conquistam prontamente a celebridade. Veja-se Lil Dagover, Paul Richter, Brigitte Helm, Gustav Frohlich, Gerda Maurus, Peter Lorre E imediatamente deixam de interessá-lo. O seu último *achado* é Otto Weruicke, o espantoso Comissário Lohmann de *Matou!* Vamos vê-lo de novo no *Testamento do Dr. Mabuse*, interpretando o mesmo papel, ao lado de nomes inteiramente desconhecidos: Wera Liessen, Camilla Spira, Oskar Beregi, Rudolf Schündler, Karl Meixner.



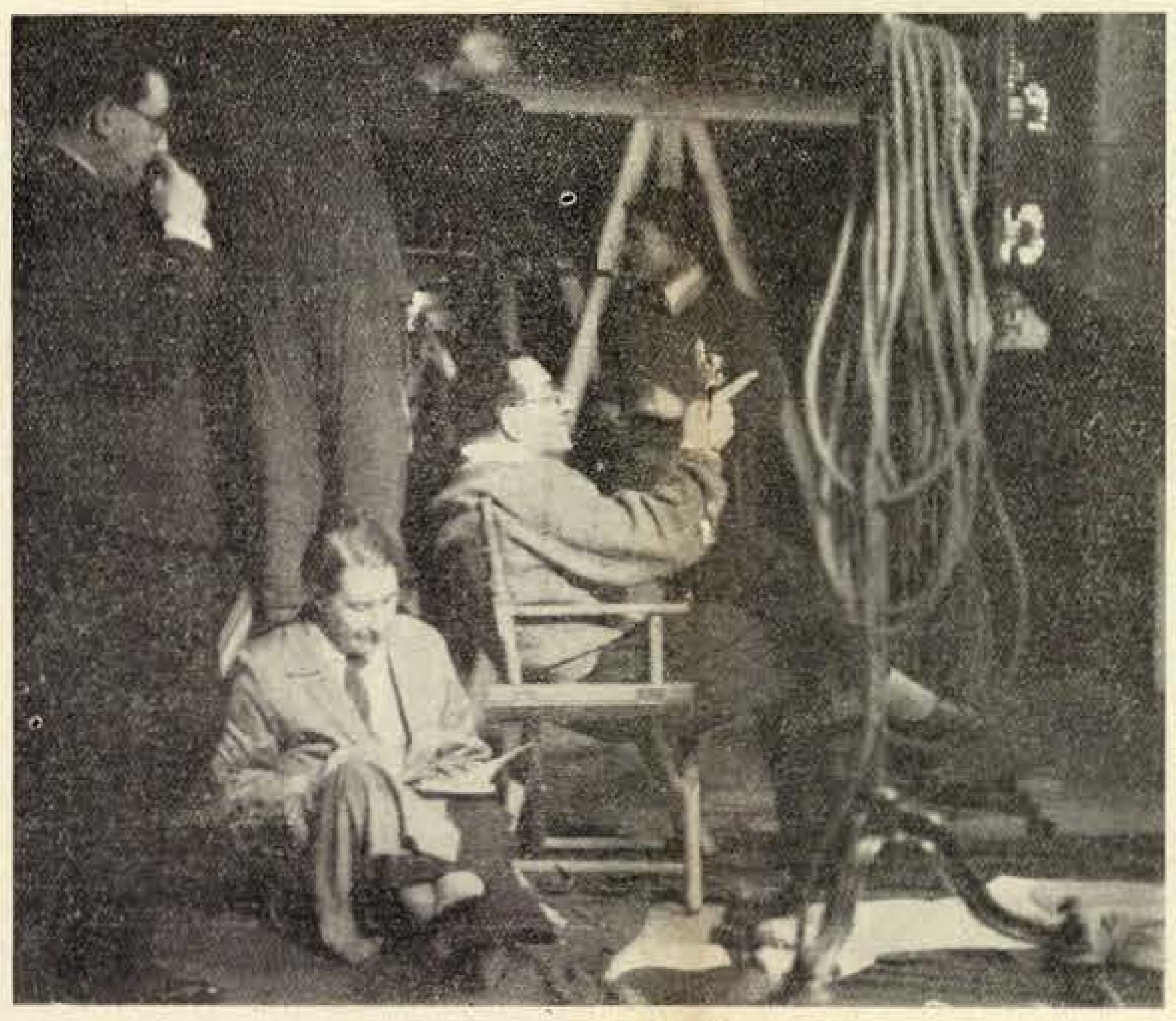
Seria imperdoável não citar nêste artigo o nome de Thea von Harbou, esposa e colaboradora constante de Fritz Lang. Todos os defeitos que certos críticos — principalmente críticos franceses — costumam apontar-lhe não conseguem destruir as suas extraordinárias qualidades, o seu invulgar sentido cinematográfico. Se é ela a responsável pela inconsistência de certos argumentos de Fritz Lang, também é a ela que êle deve em grande parte o melhor dos seus êxitos.

Sendo todos caracterizadamente alemãis, os filmes de Fritz Lang não são pesados nem maçudos. Possuem uma *leveza* que lhes vem do cuidado com que são compostos, leveza que não é incompatível com a *solidez*.

As obras de Fritz Lang, verdadeiros prodígios de técnica, conseguidos à fôrça de método e de perseverança, são sólidas e duradoiras. Ficam na história do cinema a assinalar um dos mais conscienciosos e perfeitos artistas que a serviram com o seu talento.

A. L. R.









A fachada dum dos maiores cinemas da "Ufa", em Turnstrasse (Berlim), onde o contemplado com o grande prémio de "Animatógrafo" assistirá a um espectáculo

Berlim

a mais europeia das capitais da Europa, vai ser visitada por um dos nossos leitores!

O nosso concurso continua despertando o maior interêsse. Todos os dias nos chegam pedidos de assinatura. E o caso não é para menos. Além do valor que a revista tem para os leitores, há que considerar o valor dos prémios que oferece aos seus assinantes.

O primeiro, oferecido pela Agência Cinematográfica H. da Costa Ltd., pode realizar uma das maiores aspirações dos cinéfilos: iniciar-se nos mistérios da cinematografia, visitando estúdios, assistindo a filmagens, vendo trabalhar os realizadores, os operadores e os artistas.

E, além disso, ir a uma capital magnífica, com os seus monumentos, as suas ruas, as suas diversões!

Êsse primeiro prémio é:

UMA VIAGEM A BERLIM, COM DIREITO A UMA ESTADIA DE 6 DIAS NUM HOTEL DE PRIMEIRA ORDEM, VISITA AOS PRINCIPAIS CINEMAS E MONUMENTOS DA GRANDE CAPITAL, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, A HOLLYWOOD EUROPEIA.

Êste prémio, o mais valioso de todos os que em Portugal se têm oferecido em concursos similares, tenta decerto o mais ambicioso.

E os que se lhe seguem, em número superior a DUZENTOS, não são simples prémios de consolação.

O segundo prémio é UM RECEPTOR RADIOFÓNICO «STEWART WARNER», circuito super-heterodino modêlo 1933 oferecido pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

O terceiro prémio é UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecida pela casa Amador Fotográfico, de Rõiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

Os restantes prémios são constituídos por máquinas fotográficas, gramofones, discos, perfumes e produtos da Fábrica Nally, retratos autografados pelas grandes vedetas de cinema, entradas para os cinemas de Lisboa, do Pôrto e da Província, etc., etc., etc.

Para concorrer, basta assinar «Animatógrafo»

Cada assinante receberá pelo correio um cartão *pessoal e intransmissível* com o número de ordem que lhe corresponde. Êsse cartão, além de outras vantagens que serão oportunamente anunciadas — descontos em cinemas, entradas em espectaculos promovidos pelo ANIMATÓGRAFO, bonus em importantes estabelecimentos etc. — habilita automàticamente ao sorteio dos referidos prémios, que se efectuará no dia 13 de Junho (Dia de Santo António) numa sessão especial que se realisa no Central, o elegante cinema dos Restauradores.

Até à véspera do sorteio, portanto até 12 de Junho dêste ano, todos podem habilitar-se. Basta assinar a nossa revista, por três meses, seis meses ou um ano.

Além dos prémios, descontos, etc. a assinatura reduz em 20 por cento o custo de cada número.





Os estúdios da «Ufa» são não só os maiores e os mais bem apetrechados da Europa mas nada ficam a dever aos de Hollywood. Á esquerda vê-se um aspecto geral do famoso baile do Congresso que dansa, *tal como o veria o leitor premiado... se «Animatógrafo» se publicasse há dois anos*

Os Gangsters invadiram Hollywood

por GUEDES DE AMORIM



Marlene Dietrich não receia os gangsters quea meaçam raptar-lhe a filha

EM volta do Cinema correm constantemente assuntos que uma vez revelados, ou com nitidez geral, ou com profusão de promenores, fazem abrir no rosto do leitor um sorrisinho irónico, muitas vezes de descrença, levando-o a classificar injustamente: «mas isto é demasiado cinematógrafico...»

Pois bem. Assunto cinematografico é este, que dá vida a este artigo, e nem por isso deixa de ser verdadeiro. E é cinematografico justamente por girar em torno dos habitantes de Hollywood; e é verdadeiro por ser justificavel, directa ou indirectamente, isto é, pelos que conhecem a vida da capital do cinema *in loco* ou a apreciam através da tagarelice da imprensa universal.

E, visto que já lhes anunciei a autenticidade da essência informativa dêste artigo, quero preguntar-lhes se acreditam ou não na existencia dos *gangsters* americanos. Poucas respostas afirmativas, certamente. Os europeus vêem na distante América uma inesgotavel fonte de roubos, de mentiras, de excentricidades. Lembrame bem, até, quando eu traduzi para o nosso idioma o celebre livro de Edgar Powel — «Al Capone, rei dos bandidos de Chicago» —, ter recebido entre muitas cartas anónimas, que punham em duvida a linha vertebral do livro, uma traçada com firmeza, acusando-me de ter eu próprio imaginado a obra, criando e agitando na cenografia vertical de Chicago os dramas dos *gangsters*. Sorri-me, lisongeado como nao podia deixar de ser, visto que o «amavel caluniador» confiava sobremaneira no meu poder imaginativo. Tudo isto é individual, invulgar, pecando, evidentemente, da descrença tacanha que é própria de muitos portugueses... Os *gangsters* existiram, existem hoje, continuarão, mesmo, existindo pelos tempos além. A civilisação *yanquee*, força motriz de renovações morais, criou esse moderno tipo de salteador, como criou outros modêlos de audaciosos, em conseqüência da sua ânsia nacional de dinheiro e de ineditismo. A obra dos *gangsters*, desde os assaltos a Bancos até ao rapto de menores, não é pois uma novidade, não pode ser considerada como novidade. Ela tem-se verificado, entre o grasnar das metralhadoras e sobre montes de cadaveres, em todas as cidades americanas. Os seus crimes, cinzelados a fôgo, alastram por todas as ruas da América do Norte. Até há pouco tempo, porém, por razão desconhecida, os *gangsters* pouparam Hollywood á sua sanha criminosa. Qual o motivo que os levaria a essa espécie de enigmatica consideração pelos habitantes da capital do cinema? Seria o receio que os mantinha a distância? Ao certo nada se sabia. Fôsse qual fôsse, porém, a razão da ausencia dessas visitas nada desejaveis, o certo era que «astros» e «estrelas» seguiam o seu curso tranquilamente, sem sobressaltos, sem perigos de morte... Uma tarde, contudo, uma tarde de ha poucos mêses apenas, deu-se o primeiro roubo audacioso no centro de Hollywood: A's duas horas da tarde, á saída de casa, a belissima Marion Dawies, que gosa da fama, justificadissima, de ser uma das artistas mais ricas, foi assaltada por um *gangster* que, ameaçando-a com uma *browning*, lhe exigiu a entrega imediata de um anel, valiosa prenda de familia avaliada em um milhão de dolares. A artista, galvanizada de pavor, caíu ao chão vítima de uma síncope. Tentou ainda o bandido apoderar-se da famosa joia. Vendo, porém, que a situação lhe oferecia perigos imediatos, afastou-se. No dia seguinte, contudo, Marion Dawies recebia dentro de uma caixa uma bomba, com o seguinte aviso: «O anel ou a morte». A artista preferiu conservar a vida, enviando a determinado local a joia que o *gangster* ambicionava. As lágrimas, que durante muitos dias se conservaram nos olhos da actriz, encarregaram-se, depois, de anunciar e difundir por toda a *cosmopolis* do cinema americano, que



Conta-se que Betty Compson se apaixonou pelo seu detective particular. Um verdadeiro tema para fita em séries, de que Betty foi uma das mais queridas heroinas

os *gangsters*, corridos de outras cidades, batiam ás suas portas.

Registou-se então, o pânico maior de Hollywood. Enquanto a policia, em brigadas reforçadas, tomava as grandes artérias, vigiando os monumentais *studios* e acompanhando as crianças á entrada e saída das escolas, actores e actrizes, fóra ou dentro de casa, mantinham-se trementes e permanentemente inquietos com os menores ruidos, empalidecendo ao ouvir a campainha da porta ou a do telefone, ao mesmo tempo que ordenavam aos seus criados que não permitissem a entrada a pessoa nenhuma estranha, fôsse sobre que pretexto fôsse.

Este estado de espirito colectivo gerou, como não podia deixar de suceder, as cenas mais alarmantes, ao mesmo tempo que fazia pensar, cada um de por si, no meio de se defender, através das suas horas de trabalho e de repouso.

Marlene Dietrich, a famosa mulher ideal, ao ser avisada de que os *gangsters* lhe raptariam a filha se ela não lhes desse 20 mil dolares, decidiu-se, energicamente, por uma formal recusa. E fez os seus preparativos de defeza: Forrou o seu carro com espessas chapas de aço, instalando nêle uma metralhadora, ao mesmo tempo que ordenava ao seu *chauffeur*, homem de toda a sua confiança, que se armasse devidamente. E assim apetrechada, saiu para a rua, voltando a fazer a sua vida de mulher e de artista: visitas, jogos de *golf* e de *tennis*, trabalho, estudo e actividade prática.

Intimidados ou não com o desafio de Marlene os *gangsters* tem-na deixado até agora em paz. Contudo, enquanto a protagonista do «Expresso de Xangai» gosa de uma tranquilidade absoluta, muitos dos seus colegas vão sofrendo as arremetidas dos modernos ditadores do roubo e da morte.

Aí vai, por exemplo, um cortejo de nomes de «astros» e «estrelas», dos que ultimamente têm sido victima das proezas dos *gangsters*: Stan Laurel, cinco vezes ameaçado de morte, decidiu-se por fim a esportular a bela soma de 10 mil dolares. Este método terrorista — «a bolsa ou a vida» — é o mais empregado por êsses imperadores da criminologia. Victor Mac Laglen tornou-se, por exemplo, a certa altura o alvo desses bandoleiros modernos. Ameaçaram-no, exigiram-lhe grandes somas. Mac Laglen resistiu. Um dia, foi alvejado numa perna com um tiro de revolver. Ao outro dia, abatida a sua resistencia, pagava a importancia exigida, ficando livre, sabe-se lá por quanto tempo!...

Após o rapto do filhinho de Lindberg, que o mundo acompanhou com interesse e assombro, os *gangsters* que imperam em Hollywood decidiram-se a imitar o feito dos raptores do filho do celebre aviador, pondo instantaneamente em acção as suas façanhas.

Harold, o celebérrimo Harold, que é tão bom pai quanto é notavel cómico, foi durante dias e dias assediado pelos fantasmas do crime, que se propunham roubar-lhe o primeiro filho. Todos os dias, durante mais de um mês, Harold recebia pelo correio avisos de extermi-

GANG!

«Scarface», o prodigioso filme de Howard Hawks, deu-nos o panorama alucinante do banditismo americano, mixto de audácia e de cobardia que macula a humanidade. Abolida a lei sêca, a formidável organização do gang americano precisa de exercer autrement a sua actividade. E pensou em Holly-



AS RAPARIGAS DA CAPA

MARY CARLISLE

Os americanos têm por costume, quando pretendem impôr qualquer novo artista, tornar conhecido o seu nome através duma intensa e prévia campanha de publicidade. E' o que hoje a «Metro» está fazendo com respeito à sua jóvem e encantadora pupila Mary Carlisle. Mary, com os seus dezoito anos perenes de radiosa frescura e gracilidade, está agora atravessando essa fase por que passaram já Anita Page, Karen Morley, Madge Evans, etc.

Assim, conquanto só tenha aparecido em curtíssimos bits *de vários filmes saídos dos estúdios de Culver City, isso não impede que o seu nome seja já hoje conhecido, ainda que, a bem dizer, sómente através das magníficas fotografias de publicidade com que pródigamente são presenteados os jornais da especialidade. Mas do mal, o menos.*

E' que assim vamos podendo admirar a gentileza, a graça, a beleza de Mary Carlisle, a quem não duvidamos que esteja reservada, num futuro mais ou menos próximo, uma situação de destaque no cinema americano.

MADGE EVANS

Madge Evans não é uma estreante. Muito pelo contrário. Apesar dos seus escassos vinte anos, é, em boa verdade uma das mais velhas *artistas do cinema, uma autêntica* veterana *dos estúdios.*

Em 1918, quando a «Fox» lançou a sua célebre série de filmes infantis, de que Virginia Lee Corbin e Francis Carpenter eram as vedetas—muitos, por certo, não esqueceram ainda Fanfan, *que o Condes exibia há mais de dois lustros—Madge Evans era também uma das artistas de palmo e meio que nêles aparecia.*

Anos decorridos, em 1930, após uma longa ausência dos estúdios, Madge Evans voltou de novo aos seus antigos amores — o cinema. Começando por fugidias aparições, Madge passou a ser uma das artistas mais utilisadas do lot *da «Metro». Foi a* partenaire *de Clark Gable em* Puro Sangue, *de Lionel Barrymore em* Mãos Culpadas, *de Ramon Novarro - que tem nela a sua* leading-lady *predilecta—em* Filho da India *e* The Impossible Lover.

Madge Evans—nascida a 1 de Julho em Los Angeles, cidade que se orgulha de ter sido, muito antes de Hollywood, a capital das imagens—tem olhos azuis e cabêlo castanho e está solteira.

nio. Quando nasceu o seu segundo filho, durante mais de uma semana a casa esteve guardada pela polícia; e presentemente, não saí á rua, tanto nas horas de trabalho como nas de passeio, a não ser acompanhado por dois polícias.

O mêdo, na actualidade, está em Hollywood acompanha todos os habitantes de Hollywood. Helene Costello, Marian Nixon, o pequeno Jackie Cooper, Jackie Oakie, Betty Compson e tantos outros actores e actrizes deram de há muito tempo a esta parte em andar acompanhados de detectives privativos, que, se os não livram de morrer, pelo menos tranquilizam-lhes o espírito.

Hoje, o *touriste* que atravessa as ruas desafogadas da capital do cinema americano, ao ver os artistas mais conhecidos seguidos de polícias, supõe assistir a um ensaio de qualquer filme policial. E a ilusão é completa. Mais do que nunca, com a verdade, com a trágica verdade, se realiza o filme da vida.

GUEDES DE AMORIM

NEM TUDO O QUE LUZ E' OIRO...

Nem todas as estrêlas que os leitores conhecem são ESTRÊLAS!

Para a grande maioria, qualquer artista de cinema com um certo nome é uma «estrêla» ou um «astro», conforme o sexo. Os americanos não fazem essa distinção. Chamam indiferentemente *star* aos actores e às actrizes. Mas não a todos.

Na complicada organização cinematográfica americana as categorias dos artistas estão bém definidas e separadas, cabendo a cada uma determinados privilégios que os da categoria inferior já não possuem. A «classe» superior é a das *stars*, uma verdadeira *élite*, constituída, como todas as *elites*, relativamente por poucas pessôas. São mesmo muito poucos os artistas que se podem gabar de ser «estrêlas». Mais adiante apontaremos os nomes dos que hoje o são, mas antes vamos vêr algumas das regalias de que gosam e qual a maneira prática de saber se determinado artista é «estrêla» ou não.

A'parte o maior valor do ordenado que os seus contratos necessàriamente lhes atribui, um dos principais privilégios que lhes é concedido, é o seguinte: nunca uma «estrêla» é obrigada a interpretar um qualquer papel de um qualquer argumento, como normalmente acontece com os outros artistas. Um, ou uma *star* só interpreta filmes especialmente escolhidos para si. Os argumentos dêsses filmes são escritos ou «arranjados» de forma a que *sirvam* a personalidade do artista que os deve interpretar. Têm como obrigação restrita pôr em destaque a figura incarnada pela «estrêla» e devem proporcionar-lhe o maior número possível de ocasiões em que ela possa fazer valer os seus encantos ou os seus méritos.

Podemos apontar como filmes-exemplos desta regra, *Monsieur Beaucaire* de Rudolfo Valentino, a *Tortura da Carne* de Jannings e o *Pecado de Madelon Claudet* de Helen Hayes. Quere dizer, que, segundo êste sistema, se dá maior consideração ao actor que ao próprio filme, à própria obra. Mas é agora a ocasião para discutir os prós e os contras de semelhante maneira de vêr. Simplesmente se aponta o facto.

A maneira mais prática de saber se determinado artista é ou não *star*, está na leitura dos cartazes que anunciam os filmes ou os títulos com que a sua exibição é começada.

Assim, por exemplo, o filme *Romance* foi anunciado sempre:

Metro Goldwin Mayer
apresenta
GRETA GARBO
em
«ROMANCE»

A posição que o nome de Greta Garbo ocupa nêste cartaz indica logo que ela é «estrêla». Se o cartaz dissesse: «M. G. M. apresenta *Romance* com Greta Garbo» podíamos concluír sem receio de engano que a famosa sueca não tinha ainda foros de *star*.

Como vêem não há nada mais simples.

Mas vamos agora ao que interessa mais directamente a esta crónica:

Quais são actualmente as autênticas «estrêlas»?

Publicaram há pouco uma lista oficial dêsses felizardos e dessas escolhidas da sorte. Vamos transcrevê-la para que fiquem inteiramente elucidados.

A Metro Goldwin tem hoje dezassete «estrêlas», a saber: Greta Garbo, Joan Crawford, John e Lionel Barrymore, Wallace Beery, Norma Shearer, Clark Gable, Ramon Novarro, Marie Dressler, Jean Harlow, Robert Montgomery, Helen Hayes (a «Madelon Claudet»), Buster Keaton, William Haines, Jackie Cooper, o miudo do *Camptião*, John Gilbert e Marion Davies

Laurel e Hardy são «pequenas «estrêlas», mas, mais dia, menos dia, devem ser «estrêlas» autênticas.

A «Paramount» tem ultimamente despedido muitas «estrêlas», por isso já hoje não pode apresentar um conjunto tão brilhante como outrora.

Nesta altura conserva só quatro grandes nomes: Marlene Dietrich, Chevalier, Frederic



Georges Bancroft não é uma estrêla...

March e os Marx Brothers, que nos divertiram há pouco com *Agulha em Palheiro.*

A Rádio tem como «estrêlas»: Richard Dix, Ann Harding, Constance Bennett, William Boyd, Wheeler e Woolsey (os cómicos do *Rio Rita*), Helen Twelvetrees, Katharine Hepburn e Irene Dunne.

Constance Bennett está numa situação especial: é «estrêla» de duas companhias, da Rádio e também da Warner Brothers.

Nesta são ainda «estrêlas»: George Arliss, William Powell, Barbara Stanwyck, James Cagney, Douglas filho, Kay Francis e Paul Muni, o Tonio Camoute do *Scarface.*

Na First National as «estrêlas» são: Richard Barthelmess, Ruth Chatterton, Joe E. Brown, Edward Robinson, Warren William e Loretta Young.

A Columbia tem só três: Jack Holt, Constance Cummings, que trabalhou com Harold no *Louco pelo Cinema*, e Evalyn Knapp.

A United Artists distribui filmes das seguintes estrêlas: Mary Pikford, Douglas Fairbanks, Gloria Swanson, Al Jolson, Ronald Colman e Eddie Cantor.

A Universal hoje está sem «estrêlas», mas em compensação a Fox tem contratado bastantes nos últimos tempos: Clara Bow, Lilian Harvey, Henry Garat, Janet Gaynor, Will Rogers, Warner Baxter, James Dunn, Sally Eilers, Spencer Tracy, John Boles e Elissa Landi.

Certamente ficaram espantados por verem entre as «estrêlas» nomes que não conhecem e por lá não encontrarem alguns dos seus artistas predilectos. O primeiro caso explica-se porque nem todos os filmes americanos vêm até nós. Mas para o segundo a explicação é outra: alguns dêsses artistas já foram «estrêlas», mas hoje já o não são, e outros ainda lá não chegaram, embora desempenhem muitas vezes papeis de destaque. Isto explica-se, porque os principais papeis são distribuídos por duas categorias de actores: a das «estrêlas» e a dos *featured players*, a da categoria imediatamente superior.

ANDRÉ MASSIL

◆ CRÍTICA ◆

I. F. 1 não responde!

de ERICH COMMER e KARLHARTL

(I F. 1 ne répond plus)

Espléndida a ideia-base dêste filme!

Uma ilha flutuante no meio do Atlântico, eis um assunto digno do cinema!

Mais: eis uma coisa que só o cinema pode impôr.

Pena foi que o argumento que foi chamado a servi-la não tivesse as mesmas qualidades.

O início é bom, tem imprevisto. Mas desde que a ilha se constroi, fraqueja. Surge a «tentativa criminosa», depois a corrida ao salvamento e pronto. Toda a emoção é procurada pela dúvida de se se chegará tarde ou não — o que já não é novo. Também novo não é o conflito amoroso: dois amigos amam a mesma mulher, sacrificando-se aquêle que ela despreza.

A realização podia ter tirado melhor partido de certos pedaços do assunto. A construção da ilha — êsse trabalho ciclópico — é-nos mostrada por meia dúzia de sobreposições sintéticas, processo muito do agrado dos alemãis, mas já *démodé* por banalizado, e que não dá, de modo nenhum, a ideia do esfôrço brutal que a emprêsa demandava. Também não fazem sentir a passagem dos dois anos e a volta de Ellissen ressente-se disso.

Há ainda no filme umas dôze horas elásticas, pois duram pelo menos quarenta, que é de admirar como escaparam à atenção dos autores.

Tudo isto, porém, embora diminuindo o filme, não lhe tira no entanto o direito a ser considerado uma grande obra, e principalmente pelo que rasga de grande e belo nos horizontes dos espectadores. Os planos da ilha, em especial os da plataforma, apesar de humildes, nunca se apagarão da nossa memória.

Merece especialíssimo destaque a interpretação do extraordinário Charles Boyer, verdadeiramente impecável. O seu Ellissen fica *existindo*. E' uma figura que se mantem, que ha-de resistir ao tempo.



Jean Murat bém. Para o papel de Nora era indispensavel uma mulher com uma expressão inteligente e enérgica — Daniéle Parola é só bonitinha. No segundo plano salientam-se Piérade e Pierre Brasseur. Estes dois artistas nunca podem passar despercebidos.

Um momento feliz e bem caracteristico da nossa época: a conversa entre Berlim e a ilha pela T. S. F.

I. F. 1 não é um filme de antecipação, no género do *Metropolis*. O caso que fóca está dentro das actuais possibilidades técnicas. E' isso afinal o que o filme quere significar. Isso, mas com uma pequena particularidade: dentro das possibilidades técnicas *alemãs*. Porque o filme é, acima de tudo, a apoteose da indústria alemã. E não deixaram de marcar a má-vontade ou a inferioridade dos outros: o criminoso é polaco (Damski), o navio que devia ir buscá-lo é francês (L'alouette), o avião em que Ellissen falha a volta ao mundo sem escala, francês é também.

O Rei dos Vigaristas

de SAM WOOD

(Get-Rich-Quick Wallingford)

Ora finalmente voltamos ao bom tempo das incomparáveis comédias americanas! Uma história engraçada, intérpretes ideais e muito movimento, movimento a rôdos, litros de movimento!

Assim, sim!

As aventuras da pitoresca quadrilha de vigaristas que o impagável William Haynes comanda, foram-nos contadas com um *entrain* endiabrado, com um sentido cinematográfico a que inúmeras *talkies*, das «100 0|0», nos tinham há muito desacostumado. As cenas sucedem-se rápidas, sucintas, sem darem tempo para se tomar teólgo. O ar apressado, *affairé*, de que os três herois andam sempre possuidos, ainda contribui para reforçar a impressão de rapidez dada pela montagem.

E a aventura vai-se desenrolando fulminantemente, lógica dentro do disparate, cheia de *trouvailles* felicíssimas e de imaginação. Tiveram mesmo o tacto de não cairem no melodramático quando tratam a regeneração. Bastou um pouco de fantasia e não tomarem o caso muito a sério, para se salvarem dêsse passo perigoso.

Os intérpretes rivalizam entre si na naturalidade, apostados em bem representar. A' cabeça William Haynes e à sua volta Ernest Torrence, Jimmy Durante, Guy Kibbee, Leyla Hyams — todos ótimos, todos no «tom» necessário.



Enfim, êste filme veio reatar as tradições gloriosas das comédias americanas, com a sua despreocupação, o seu movimento, até a sua alegria. Agora ficamos esperando por mais.

A realisação é de Sam Wood.

O Azul do Céu

de VICTOR JANSON

Der Blane der Himmels)

A ideia geral dêste filme era esplêndida, capaz de dar um outro *Dois num automovel*. Mas não a souberam aproveitar. Mesmo na primeiro parte do filme, nas cenas da estação do metropolitano — as mais felizes da pelicula — podiam ter tirado muito mais partido de tudo quanto a ambiente proporcionava.

Mas onde falharam lamentavelmente foi nas cenas ao ar livre, em especial nas cenas do ar.

O argumento prestava-se para se fazer uma dessas deliciosas fantasias musicais em que Poumer é mestre, e afinal ficaram pela comédia, àparte um ou outro momento. Na estação do «metro» ainda por vezes deram largas à fantasia, embora discretamente, com medo de se comprometerem. Mas no resto, sente-se uma falta de imaginação aflitiva.

Podiam ter feito no ar o que Joë May fez em terra, na viagem dos *Dois num automovel*. O titulo até nos deu uma sugestão nêsse sentido. Afinal o azul do céu é . . . azul-escuro, porque quási só voam de noite.

Dos intérpretes, Martha Eggert está bem. Tem uma linda voz, uma linda figurinha, mas gostámos mais de a vêr no *Ein lie-, ein Kuss, ein Mädel*.

E não é ela ainda que há-de desbancar, ou mesmo substituir, a Lilian Harvey.

O galã é velho e *trapu* em demasia.

Gostámos bastante do empregado da «metro» cuja fantasia merece vir a ser aproveitada. E gostámos muito do garôto.

A música, de Paul Abraham, agradável, mas não faz esquecer a de Robert Stolz. Quanto ao realizador, Victor Janson, merecia palmatoadas.

Actualidades

Continúa a escassez. Dir-se-ia que lá por fóra corre tudo na mais massacrante monotonia, sem que qualquer acontecimento, mesmo banal, a quebre. Em quatro pragramas, só um continha «actualidaves». É mais què pouco. É pouquíssimo.

E mesmo essa única «actualidade» só nos mostrou um único acontecimento, o que também é poaco. Verdade seja que o fez pòr forma a merecer os mais rasgados elogios.

Foi a Pathé *(Jornal Sonoro n.o 71) a autora dessa «actualidade» excepcional. E tanto mais excepcional quanto é certo que o assunto focado não é positivamente dos mais originais.*

Tratava-se do lançamento à água do Normandie*, o novo paquete frantlês, que fica sendo o maior do mundo com as suas 75.000 toneladas. Pois de semelhante assunto souberam fazer um filme variado, interessante, e pòr maneira tal que renovaram o já estafado tema. Também, arriscaram-se a esgotá-lo, afora qualquer caso mais especial.*

Desenhos animados

O AZ DA BOLA—Não sabemos quem é o autor dêste desenho-animado. O heroi é um ratinho, irmão bastardo do Mickey. O autor dêste filme mostra que não está muito seguro da técnica especialíssima do género, mas prova que tem imaginação. Certos planos do estádio nas mãos de Walt Disney deviam ficar um monumento!

UMA VIDA AZIAGA—WHAT A LIFE—de Ub Iwerks. Um dos bons deseuhos que temos visto ultimamente. Muito melhor realizado que os últimos Iwerks e batendo-os também de longe em fantasia.

Alguns dos seus gags *são absolutamente irresistíveis. O que mais nos divertiu foi o das pulgas. Quatro pulgas mergulham de cabeça no pêlo de um cão e quando de lá saiem vêm de casacos de peles, satisfeitíssimas.*

NO PAÍS DOS FARAÓS. Gypped in Egipt—(Fábula de Esopoo), outro esplêndido desenho-animado. Os desta série não costumam ser famosos, mas êste é mesmo. O'tima a ideia geral, ótimas as ideias secundárias e ótimo o desenho. E além de tudo isto é mais comprido do que é costume!

Documentários portugueses

VILA DO CONDE — O Mosteiro de Santa Clara e Igreja Matriz mostrados nos velhos moldes. Entremeados alguns aspectos típicos da terra e seus costumes. Um dos «100 metros» negregados, em suma—e está tudo dito.

ESCOLA DE PAIÃ, da Lisbôa Film. Operadores César de Sá e F. A. Quintela—Se não fôsse êste filme continuariamos ignorando que a Escola de Paiã manda no verão para a praia do Guincho uma porção grande de rapazes, que lá vivem acampados, semi-nús, a armazenar saúde. O filme tem bôa fotografia e foi bem cinematografado. E' pena por vezes insistirem demasiado em determinadas ceuas.

CHEGADA DO «GONÇALO VELHO», da Lisbôa Film. Operador F. A. Quintela—Ótimo documentário, uma verdadeira «actualidade». O acontecimento muito bem tratado, com desembaraço. A fotografia primorosa. Temos em Quintela, certamente um belo operador de «actualidades».

CINCO MINUTOS NA NEVE. Operador Aquilino Mendes—Bom «100 metros», agradável e bem fotografado, principalmente as paisagens. Aí há mesmo momentos muito felizes. E' pena não terem mostrado mais aspectos da serra. Mais valia isso do que repetirem as mesmas coisas.

As legendas de Mota da Costa com pretensões a estilo. Não há maneira de se convencerem que a primeira qualidade das legendas é a simplicidade. Ou melhor—a primeira é a perfeição gramatical. Mas a simplicidade vem logo a seguir.

Farsas

A PÉROLA DA ESQUADRA de Warren Loade, com Charley Chase e Edgar Kennedy — já temos visto muito melhores farsas dêstes cómicos, que por vezes sabem ser excelentes. O assunto desta foi emprestado ao tema habitual das de Slim Summerville, mas não souberam aproveitá-lo como êste o faz. No entanto tem momentos engraçados, principalmente no princípio . . .

Culturais

A VIDA DAS ERVILHAS, da British. Simplesmente admirável êste pequeno filme. Admirável de interêsse, admiràael pela técnica, admiràvel como documentário. E depois que fotogènicas que são as várias partes da planta, aumentadas pela objectiva!

Atracções

VARIEDADES SONORAS N.o 1 DA «AAFA»—Alguns números de music-hall *para entreter. Quanto aos bons, como o primeiro, está bem mesmo assim. Mas nos outros, tinha valido a pena valorizá-los com mais umas «maniganciazinhas» cinematográficas . . .*

D. M.

O Mistério do Avião Correio

de **RAY TAYLO**
(The Air Mail Mistery)



Eis que voltam as fitas em séries, depois de um interregno de vários anos, e agora enriquecidos com o som.

Esta, que nos veiu anunciar a nova era das *serials*, não traz nada de novo quanto à própria «substância» do género.

As linhas gerais do enrêdo continuam as mesmas, continúa o partido dos «bons» a ser esperto e o partido dos «maus» a ser estúpido, e vice-versa, intermitente, continúa a apresentar as mesmas ingenuidades e as mesmas inverosimilhança — e ainda bem. Uma fita em séries com tudo muito certinho e muito lógico, era uma maçada.

Mas não é só nisto que o *Mistéria do Avião Correio* continua a tradição.

E' também, e isso é o principal, no movimento que Ray Taylor, o realizador, lhe imprimiu. Todo o filme é admirávelmente construido, montado impecávelmente, cheio de vida e de dinamismo cinematográfico. Os planos sucedem-se impetuosos, cada um no seu lugar, cada um com o devido comprimento. Os pretendentes a realizadores devem ali estudar como se monta um filme.

As fitas em séries foram sempre uma grande escola de cinema, um dos melhores repositórios daquêle ritmo que é a alma do próprio cinema.

Esta não foge á regra — e isso é o importante.

O resto não há que discutir. Deve-se aceitar tal qual como é, porque assim é que tem graça.

Flôr da Paixão

de **WILLIAM DE MILLE**
(The Passion Flower)

Ficámos sem saber qual a razão porque êste filme se chama assim. Mas consola-nos a certeza de que os autores de semelhante título também a não sabem.

Pois esta *Flôr da Paixão* está já bastante murcha. Nem admira, visto que é de 1930.

A idade revela-se pela abundância torrencial dos diálogos e pela influência da mecânica teatral de que sofre a realização. Fóra meia duzia de planos, tudo o resto se passa em três lugares distintos, o que atesta a origem do argumento.

A história, àparte algumas facilidades na solução de certos conflitos morais, não é das piores, dentro do género.

O caso inicial — uma menina rica que resolve casar com o seu *chauffeur* — embora raro, é verosimil. Cinco anos mais tarde uma prima da desprendida rapariga rouba-lhe o *chauffeur*, fazendo valer o seu fisico com decotes tentadores. Mas depois o homem farta-se de aventuras extra-conjugais e volta para casa, onde a familia o recebe com indulgência.

Evidentemente há argumentos muito piores. Nêste filme o pior foi a maneira como o argumento foi tratado, à fôrça de muitos diálogos e de pouco cinema.

A interpretação razoável. Nem Kay Francis, nem Kay Johnson, nem Charles Bickford fizeram nada que nos entusiasmasse. Lewis Stone aparece num papel apagado. Zazu Pitts é que conseguiu salientar se, embora só tivesse a seu cargo a rábula duma criada sarrazina. A apontar ainda o pequeno Dickil Moore.

A realização é de William de Mille.

Três homens de casaca

de **MARIO BONNARD**
(Trois Hommes en Habit)



Foi indubitávelmente engenhosa a maneira como apresentaram Tito Schipa no cinema.

O argumento escolhido, sem que seja uma obra prima, é de facto curioso e até original sob certo aspecto. Partiram do principio de que Tito Schipa nunca podia ser um actor de cinema, mas que a sua vos merecia ser *vedeta*. E então descobriram uma história que resolve êste pressupôsto por uma forma hábil: a voz do cantor está em primeiro plano, como fulcro de toda a acção; um cómico de efeitos garantidos substitui Tito Schipa na cabeça da figuração, e êste fica a passear as suas olheiras 1830 na penumbra, de onde faz ouvir a sua voz de «ouro».

Depois a fita é uma verdadeira comédia, com cenas abertamente cómicas. Há uma intrigasinha amorosa, mais ou menos idiota, que destôa no meio do resto, por ser apresentada o mais a sério possivel. Por tudo isso, pelas momices de Pasquali e pelas canções que Schipa canta, que são bastante agradáveis, o filme diverte e é fácilmente aceite, tanto mais que se apresenta simpáticamente despido de pretensões.

Mater Dolorosa

de **ABEL GANCE**

Abel Gance é, decididamente, o campeão da grandiloqüência balôfa, o *recordman* do convencionalismo mais falso e arbitrário. Jean-Paul Dreyfus anunciou, um dia na *Revue du Cinéma* que ia escrever um artigo intitulado: *Abel Gance ou le fossoyeur solennel* — Abel Gance ou o coveiro solene. Claro está que depois disto já não foi preciso escrever o artigo . . . Este seu filme é um modêlo no género. Um assunto digno de Sardou — *ce qui n'est pas peu dire* . . . — uma encenação que oscila entre o postiço e o rebuscado, uns intérpretes que mereciam uma pateada mestra, se a pudessem ouvir, etc. Enfim, é completo.

A história mirabulante que o filme descreve está cheia de cenas de «grande pseudo-intensidade» . . . teatral, de efeito certo e seguro sôbre o grande público. Pois bem, nem uma só o impressionou a valer, tal o ar falso e convencional de tudo aquilo. Se o sr. Gance até conseguiu tornar pretenciosa uma criança de 5 anos!

E depois nem sob o ponto de vista da técnica o filme merece condescendência. Todo o conflito é dado nos diálogos, e que diálogos!

Os intérpretes estão a dizer com o resto. Line Noro que faz a protagonista é uma mulher de pau. Sensibilidade, nem uma grama. Samson Fainsilber, o Richelieu dos *Três Mosqueteioos*, agrava a impressão que nos deixara, e da qual o menos que podemos dizer é que foi pouco lisongeira. Jean Gallaud exagerado, e a puxar ao Conrad Veidt. Não podemos com êstes actores que representam «à maneira de . . .», como diria o Paul Reboux. Salva-se Gaston Dubosc, num criado. Claro que apesar de tudo — ou melhor — por tudo isto, o público não deve achar mau . . .

Domingos Mascarenhas

VERSÕES

(Continuação da página 4)

tirou do general Bibikoff deve ser muito diverso do alcançado pelo actor alemão que fez êsse papel, que eu não sei quem foi.

Lembram-se eertamente de *Traição*, êsse grande filme que vimos o ano passado com Florelle e Charle Boyer.

A figura criada por êste último é daquelas que não esquecem mais, tal o pessoalismo que lhe soube imprimir. Pois bem, pensem agora no que, dêsse mesmo tipo, terá feito Emil Jannings, que o criou na versão alemã. Só isto é bastante para que o filme tenha necessáriamente um aspecto muito diferente do que o que vimos no S. Luís.

Mesmo essa estranha figura do aviador Ellissen, no *I. F. 1*, deve ter sofrido modificações grandes nas diferentes interpretações dos seus três criadores.

São certamente três Ellissens distintos, o Ellissen-Boyer, o Ellissen-Veidt e o Ellissen-Albers. Dos três qual o melhor? Qnal o mais perfeito? Não interessa. Não há melhores nem piores. O que há certamente são três Ellissens diferentes, três aspectos distintos da mesma figura.

E' pena que entre nós não seja possivel exibir mais de uma versão, como se faz em Paris, por exemplo. Deve ser interessantíssimo cotejar as várias interpretações dêsses grandes artistas, e não só nêste caso como em todos os outros.

Podia fazer se assim um autêntico curso de representação comparada, do maior interêsse e do maior proveito para quem pretende ser actor de cinema.

VENUS DE MILO 1933





«ANIMATÓGRAFO» RESPONDE HOJE Á PRIMEIRA SÉRIE DE PREGUNTAS DOS SEUS LEITORES. TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE, RUA DO ALECRIM, 65—LISBOA.*

Correio dos Cinéfilos

Violeta, a dos olhos negros —*Lisboa*—Saùdamos em si a primeira leitora de *Animatógrafo* que teve a gentileza de escrever-nos. Não só não nos *maça* como até nos dará um grande prazer se quizer dar-se ao trabalho de nos escrever todas as semanas. Diga coisas. Pregunte coisas. Tem certas a resposta e a nossa boa amizade.

A. N. Marques—*Lisboa* — Lamentamos não poder dispensar a fotografia que nos pede.

Cochon de Lait — *Coimbra* — Muito prazer em conhecê-lo, cinéfilo Leitão. O nosso director agradece desvanecidamente os amáveis, cumprimentos que se dignou enviar-lhe e que sensibilisaram toda a redacção de *Animatógrafo.*

Dr. Celuloide—*Pôrto*—Tenha paciência, mas Dr. Celuloide... sou eu. Se quizer passe a assinar as suas cartas com o nome que, decerto por engano, nos atribuíu: Dr. Celulose.—As duas primeiras preguntas que nos faz são demasiadamente vagas. Qual é a artista europeia de mais talento?... Que realizador é mais completo?... Depende dos gostos, bem vê. Se quizer fiar-se no nosso, diga que são, respectivamente, Lilian Harvey e Fritz Lang. — A terceira pregunta respondemos sem custo e sem favor: é a Agencia Cinematográfica H. da Costa. — Decerto não deixou de ir ver e de admirar o maravilhoso filme que é *I. F. 1 não responde.*

O Homem que Ri — *Estoril*— Sensibilisados com as suas amáveis palavras. Ignoramos quando será estreado entre nós o *Raspoutine* alemão; possivelmente só para a próxima época.—Os seus intérpretes são, além de Conrad Veidt, que encarna a figura do famoso «monge dos olhos verdes», Charlotte Ander, Paul Otto, Hermine Sterler, Kenny Rive e Carl-Ludwig Diehl, o protagonista de *Fronteira Invisível.* Dirigiu-o Adolf Trotz.— Para nós a melhor interpretação de Veidt é, ainda, o sonâmbulo César de *Caligari.* A dos *Irmãos Schellemberg* e a da *Ultima Companhia* são notáveis. — Escreva sempre que quizer.

A. P. S. não responde... — *Alcobaça* — Quer faça a sua assinatura directamente quer a faça por intermédio do nosso agente nessa vila, as regalias são as mesmas, como não podia deixar de ser.

Alves Costa—*Porto*—Agradecemos duplamente as suas amáveis saudações...

Leonardo Sabino — *Elvas* — Gratos pelas suas boas palavras. Tomamos em conta o seu amável e desinteressado oferecimento que certamente aproveitaremos na devida oportunidade.

J. A.—*Marinha Grande* —Mas evidentemente; não é pelo facto de a sua assinatura começar com o segundo número que o meu amigo deixa de ter direito ás regalias inerentes à sua qualidade de assinante.—Escreva sempre que lhe interessar.

Tony Tinta—*Lisboa*—Lamento sinceramente não lhe poder dar uma resposta segura á primeira pregunta que me faz. José Mojica anda presentemente em digressão pela Europa; de forma que é impo sível dar-lhe o seu actual endereço. No entanto, se quizer esperar pela sua volta aos Estados Unidos, que não deve, aliás, tardar muito, escreva-lhe para Fox Studios 1401, North Western Avenue, Hollywood. Calif.—Na secção respectiva encontrará o que me pede.

João Manuel — *Pôrto* — Otto Gebuhr, o notável actor alemão é um especialista na composição da personagem de Frederico II da Prússia. Em ***Fredericus Rex***, um velho filme que o Olimpia exibiu há muitos anos, como em ***Concerto Real de Sans Souci*** e na ***Favorita do Imperador***, Gebuhr viveu acertadamente, na verdade, a figura do grande Frederico. No seu mais recente filme ***Der Choral von Leuthen*** volta uma vez mais a interpretar essa personagem.

Maria Luisa — *Montemór-o-Novo* — May Mac Avoy, a dôce ingénua de *Ben Hur* encontra-se afastada do cinema. Depois do seu casamento em Junho de 1929 com Maurice G. Clary, um corrector da bolsa de Los Angeles, nunca mais fez nenhum filme. — John Gilbert, tendo terminado há poucas semanas o filme ***Rivets***, está presentemente actuando em ***Fast Workers.*** — Enderece para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif, — E sempre que quizer disponha do dr. Celuloide.

Zéca do Chili — *Pôrto* — Olga Baclanova não está hoje sob contrato de nenhuma empresa. Nestes últimos tempos tem até tido bem poucas oportunidades de aparecer no cinema. Um dos mais recentes filmes em que entrou foi em *Downstairs*, ao lado de John Gilbert e Virginia Bruce,

Sunlight—*Braga*—Para escrever a Richard Dix basta endereçar para 780 North Gower Street, Hollywood, Cal. — E' conveniente escrever-lhe em inglês; mas se de todo em todo o não puder fazer, escreva mesmo em português, pois que calculará já o que o amigo deseja... — ***Scarface*** é sem contestação possivel o melhor filme de ***gangsters*** produzido até hoje, e uma bas mais belas obras do cinema.

Margot — *Vila Real de Santo António*—O que nos diz de ***Raparigas de Uniforme*** é absolutamente sensato e inteligente. Parabens pelo bom gôsto e muito obrigado pelas amáveis saudações que nos enviou. — Para assinar ***Animatógrafo*** basta mandar a importância respectiva em carta registada ou vale do correio, para a nossa administração. — E não deixe de escrever sempre que quizer, pois com isso nos dará muito prazer.

Marthäfilo—*Lisboa*—Seguindo os seus desejos arquivámos o seu nome e morada.—Para Martha Eggerth, a gentil intérprete de ***Uma canção, um beijo, uma mulher,*** enderece para Aafa, Seydelstrass 12. Berlim; deve escrever-lhe em alemão. Se tiver dificuldade, mesmo em francês.—29 anos—E' *oficialmente* solteira.

Posta Restante

Tony Tinta—deseja corresponder-se, por nosso intermédio, com leitoras lisboetas de ***Animatógrafo*** que tenham menos de vinte anos.

Rex Bell—manifesta desejos de corresponder sôbre assuntos de cinema, sport, ou quaisquer outros, com leitoras de 18 a 25 anos.

H. R. J. H.—quatro leitores domiciliados na rua dos Mexes 5, em Portalegre, aguardam que as simpáticas leitoras da nossa revista lhes deem o prazer de com êles corresponder.

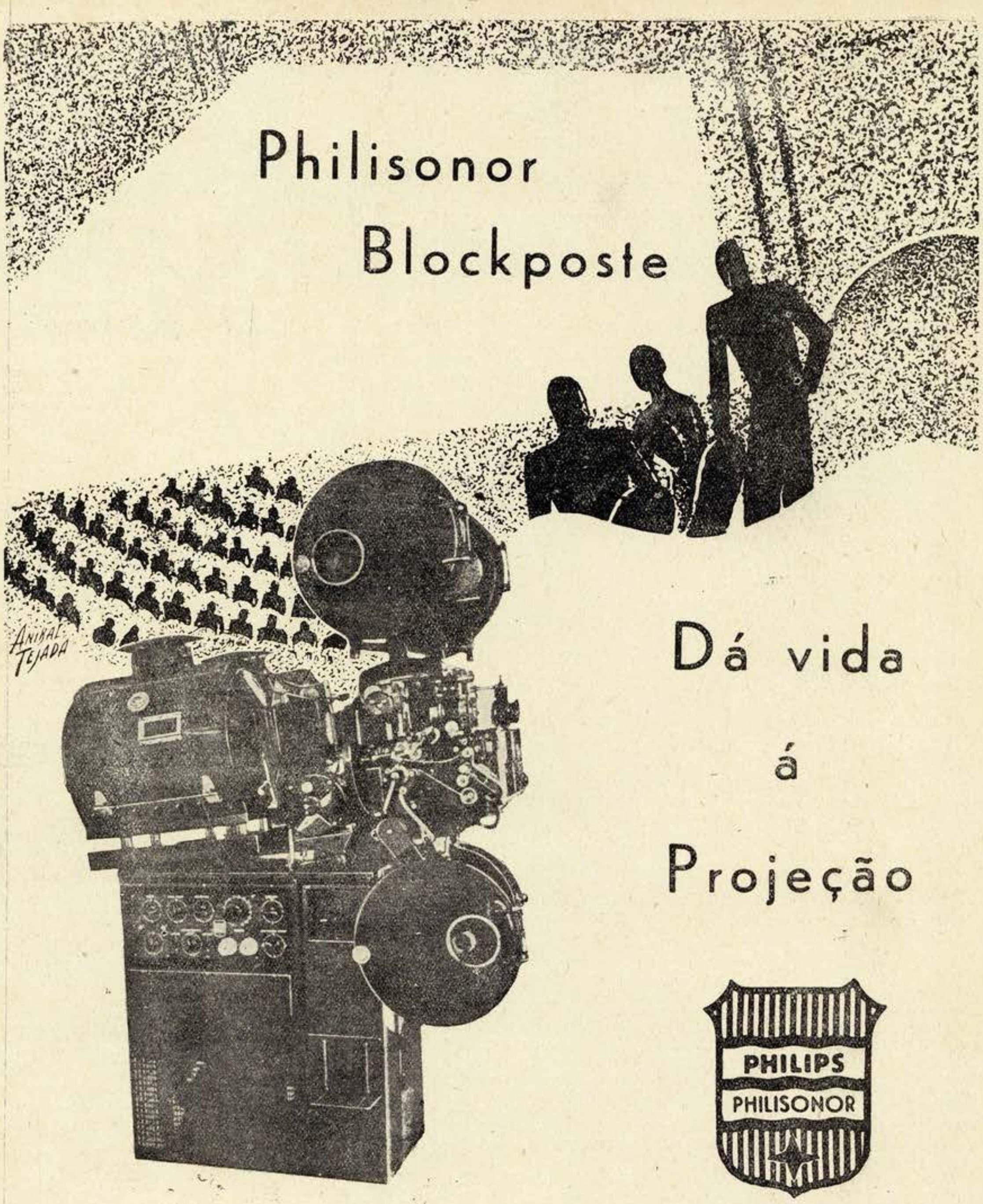
Henry Garat disfarçado—gostaria de, por intermédio do Dr. Celuloide trocar correspondência com leitoras de 16 a 18 anos.

ANIMATOGRAFO NO PORTO

Os cinéfilos do Norte receberam a nossa revista com um carinho e um entusiasmo sensibilizadores. Não estranhamos o facto, pois desde há muito nos habituámos a considerar o espírito cinéfilo dos nortenhos bem mais equilibrado e mais intenso que o dos seus correlegionários» alfacinhas. Sempre nos repugnou acreditar no bairrismo intratável que tão frequentemente se lhes atribui. Sabemo-los abertos a todas as ideias novas, sempre prontos a patrocinar as iniciativas desinteressados e interessantes.

O Pôrto, a grande cidade da inteligência e do trabalho, recebeu-nos com hospitaleira generosidade. Agradecemo-la de todo o coração; e procuramos retribuí-la, dedicando semanalmente, a partir do próximo número, uma secção especial aos assuntos que de mais perto o interessam, fazendo o relato circunstanciado dos acontecimentas cinematográficos locais.

Temos o prazer de comunicar que escolhemos para correspondente «plenipotenciário» de «Animatógrafo» na capital do Norte, o sr. António Figueiredo, cinéfilo distinto e jornalista de verdade. Em seu nome saudamos o público e a imprensa do Pôrto, fazendo votos pelo seu progresso e pelo seu bem-estar.



ANIMATOGRAFO **ANO I** **NÚMERO 3**

Lisboa, 17 de Abril de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO** Secretário da Redacção: **FÉLIX RIBEIRO** Editor: **JOÃO PEREIRA E SOUSA**

Redacção, Administração e Composição: **Rua do Alecrim, 65**—Impressão:—**Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C**, em Lisboa—Gravuras de **BERTRAND IRMÃOS**

Propriedade da **SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd.** Publicidade a cargo de **HUMBERTO BORGES DE CASTRO**

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA **Preço 1$50**



GITTA ALPAR

E' uma nova vedeta com quem o público de Lisboa vai travar conhecimento através da engraçadissima comédia »Esta... ou Nenhuma«, que a Companhia Cinematográfica de Portugal agora apresenta no Palácio e no Odéon. Em atenção aos cinéfilos curiosos diremos que a encantadora Gitta Alpar, famosa diva da Ópera de Berlim, é, na vida real, mulhér de Gustav Froelich.

